



Editorial

André Comte-Sponville, filósofo francês, autor de livros, como **Pequeno tratado das grandes virtudes**, e um dos autores do prestigiado **Dicionário de ética e de filosofia moral**, editado pela Editora Unisinos, recentemente declarou que, para ele, os dois maiores pensadores do século XX foram Simone Weil e Ludvig Wittgenstein. Se Wittgenstein é conhecido e estudado no Brasil e, no mês passado, aqui na Unisinos foi ministrado um curso sobre este filósofo pelo prof. Dr. Paulo Margutti, da UFMG, quem conhece Simone Weil? Há pouco mais de 60 anos, na noite de 24 de agosto de 1943, morria, na mais completa solidão, em um sanatório de Ashford, Inglaterra, a filósofa francesa Simone Weil. Aos 34 anos, apagava-se uma vida que, apesar de curta, marcou a história e o pensamento do Ocidente do século XX. Celebrando a sua memória, o **IHU On-Line** desta semana debate o seu pensamento, a sua obra, a sua

vida. Mulher livre, "sua principal contribuição para os nossos dias é essa capacidade única que ela tem de unir mística e ação, política e contemplação, compaixão e senso de justiça, experiência e práxis", afirma a jornalista e teóloga Maria Clara Bingemer, professora da PUC-Rio, na entrevista aqui publicada. Maria Carpi, poeta, inspirou o título da capa: Simone Weil, palavra viva! O prof. Dr. Fernando Eduardo de Barros Rey Puente, da UFMG e Emilia Maria Mendonça de Moraes, professora da UFPE, nos ajudam a entender melhor a força e a vitalidade da obra de Simone Weil. Ela pode ser inspiradora para nós que apostamos na possibilidade e na viabilidade de uma universidade a serviço da sociedade brasileira neste início do século XXI. Uma ótima leitura e uma excelente semana!

Simone Weil nasceu em Paris, no dia 3 de fevereiro de 1909, e morreu de tuberculose em Ashford, Inglaterra, em 24 de agosto de 1943. Aos 60 anos de sua morte, **IHU On-Line** lembra uma mulher considerada das mais instigantes pensadoras do século XX. Oferecemos ao leitor alguns momentos de sua biografia com trechos do texto intitulado **Simone Weil, a voz dos injustiçados**, da autoria do jornalista Domingos de Abreu Miranda, publicado no sítio <http://an.uol.com.br/2003/ago/24/0ane.htm>.

A poeta Maria Carpi, leitora "apaixonada" de Simone Weil, escreveu um texto exclusivo para **IHU On-Line**. A Teóloga Maria Clara Bingemer da PUC-RJ, o Filósofo Fernando Rey Puente, da UFMG e a Filósofa Emilia de Moraes, professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba, ajudam na reflexão de uma personalidade tão rica quanto desconhecida para alguns, como é o caso de Simone Weil.

QUEM É SIMONE WEIL?

Apesar de não ter publicado nenhum livro em sua curta vida, esta professora, operária e filósofa francesa causou impacto nos maiores intelectuais do século passado. Albert Camus disse que ela era "o único grande espírito do nosso tempo". A escritora americana Susan Sontag afirmou que "qualquer coisa da pena de Simone Weil vale a pena ler". André Gide escreveu que ela foi "a maior escritora espiritual do século XX". O poeta e dramaturgo T.S. Eliot a chamou de gênio e santa.

A sua trajetória de vida foi singular, pois dedicou-se a lutar contra a injustiça e, nos últimos anos de vida, falou sobre o significado de Deus para a humanidade. Filha de uma próspera família judia, Simone teve uma esmerada educação e, em 1928, foi a primeira classificada nos exames de admissão à Escola Normal Superior (em segundo lugar ficou Simone de Beauvoir, outro nome marcante das letras). Três anos depois, formou-se em filosofia e exerceu o magistério entre 1931 e 1938, com algumas interrupções.

Em 1932, foi nomeada professora no liceu do Puy, ingressou no grupo de militantes sindicalistas revolucionários de Saint-Étienne e colaborou no jornal **Révolution Proletarienne**. Decidiu viver com apenas parte de seu salário, o equivalente ao subsídio pago aos desempregados, doando o resto do ordenado à caixa de solidariedade dos mineiros. Em 1934, abandonou provisoriamente o magistério e foi trabalhar, durante mais de um ano, como operária nas fábricas da Renault. "Ali recebi a marca do escravo", diria mais tarde. Em 1936, participou de greves com ocupações de fábrica. Logo após um breve retorno à docência, em 1936, participou da Guerra Civil Espanhola, ao lado dos republicanos. Atuou na Coluna Durruti, dos anarquistas, mas, por suas posições pacifistas, correu os riscos dos demais. No entanto,

não pegou em armas, ajudou na cozinha e no tratamento dos feridos e doentes. Da guerra trouxe o sentimento de horror pela brutalidade e viu como a verdade e o bem são desprezados. Após sua experiência na guerra, Simone Weil retornou à França com a saúde abalada e voltou sua atenção para a religião. Durante uma viagem de repouso com a família à cidade portuguesa de Viana do Castelo, presenciou uma procissão de pescadores que mudou o seu modo de pensar. "Ali, de repente, tive a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem deixar de aderir a ela, e eu entre eles", escreveu a frágil francesa.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a sua condição de judia obrigou-a a deixar Paris ocupada pelos alemães. Foi viver no Sul da França, onde trabalhou como operária agrícola. De Marselha, passou para um campo de internamento em Casablanca, na África, e emigraria, em maio de 1942, para os Estados Unidos, onde estava sua família. Ali permaneceu pouco tempo e seguiu para a Inglaterra para juntar-se a De Gaulle e outros exilados franceses no movimento França Livre. Pediu para pular de pára-quadras sobre seu país, onde pretendia juntar-se à resistência e cuidar dos feridos, mas sua idéia não foi aceita devido à sua condição de saúde.

Em abril de 1943, recebeu o diagnóstico de que estava com tuberculose. Contrariando a opinião dos médicos, Simone Weil decidiu viver com a magra razão que então vigorava na França ocupada, pedindo que o excedente fosse enviado para a resistência em seu país. Sua saúde deteriorou-se rapidamente e faleceu em 24 de agosto, no Sanatório Grosvenor, em Ashford, com 34 anos.

Apesar da sua notoriedade como intelectual de esquerda, até sua morte não foi publicado nenhum livro de sua autoria. Talvez isso se deva ao fato de que sempre se manteve afastada dos círculos literários. Com o fim da guerra, os amigos começam a editar suas obras, que alcançam enorme repercussão. Assim foram publicados os livros **O Peso e a Graça** (1947), **Conhecimento Sobrenatural** (1949), **Enraizamento** (1950), **A Condição Operária** (1951) e **Opressão e Liberdade** (1955).

No Brasil, recentemente a Editora da Universidade do Sagrado Coração – Edusc – de Bauru, SP, lançou dois de seus livros. Em **Opressão e Liberdade**, a autora centrou seus pensamentos sobre a questão da injustiça. Neste livro, encontram-se ensaios sobre as deturpações e contradições do pensamento marxista publicados sob o título de **Reflexões Sobre as Causas da Liberdade e da Opressão Social**, que a escritora considerou sua principal obra. O outro livro é **Enraizamento**, que reúne temas tão diferentes, mas unidos pela valorização do ser humano no seu mundo social. Por sua vez, as Edições Loyola acabam de publicar o livro **Abismos e Ápices. Percursos espirituais e místicos em Simone Weil**, de Giulia P. Di Nicola e Attilio Danese.

PENSAMENTOS DE SIMONE WEIL

"Só se tinha um direito: o direito de calar. Algumas vezes, enquanto estávamos no trabalho, na máquina, a tristeza, o desânimo, a revolta comprimiam o coração; a um metro de distância um camarada sentia os mesmos sofrimentos, experimentava o mesmo rancor, a mesma amargura; mas não ousávamos trocar as palavras que poderiam confortar porque tínhamos medo." (Sobre sua experiência com os operários nas fábricas).

"Conservar o poder é, para os poderosos, uma necessidade vital, uma vez que é seu poder que os alimenta".

"Só o homem pode dominar o homem. Mesmo os primitivos não seriam escravos da natureza, se não atribuíssem a ela seres imaginários análogos ao homem, e cujas vontades são, aliás, interpretadas por homens".

"Hoje, embotados que estamos há vários séculos pelo orgulho da técnica, esquecemos que existe uma ordem divina do universo. Nós ignoramos que o trabalho, a arte, a ciência são somente diferentes maneiras de entrar em contato com ela."

"A contradição essencial da condição humana é que o homem está submetido à força, e deseja a justiça. Ele está submetido à necessidade, e deseja o bem. Não é só seu corpo que está assim submisso, mas também todos os seus pensamentos; e no entanto o próprio ser do homem consiste em estar voltado para o bem. É por isso que acreditamos que há uma unidade entre a necessidade e o bem."

"A graça cai de Deus em todos os seres; o que ela se torna neles depende do que eles são."

SIMONE E A DOR DOS OUTROS

Por Maria Carpi

*Publicamos a seguir o depoimento exclusivo da poeta Maria Carpi sobre a pessoa de Simone Weil, a pedido de IHU On-Line. Maria Carpi é escritora gaúcha, nascida em 1939, na cidade de Guaporé. Formou-se na Faculdade de Direito e Ciências Sociais em 1962, na UFRGS e lecionou na Faculdade de Direito da PUC. Radicada em Porto Alegre, é membro do Instituto dos Advogados e foi, por duas vezes, conselheira pela Defensoria Pública e, posteriormente, pela OAB/RS, participando do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e Adolescente (Cedica). Estreou na literatura em 1990. Entre suas obras publicadas citamos **Nos Gerais da Dor**. Porto Alegre: Movimento, 1990. **Desiderium Desideravi**. Porto Alegre: Movimento, 1991. **Vidência e Acaso**. Porto Alegre: Movimento, 1992. **Os Cantares da Semente**. Porto Alegre: Movimento, 1996. **Cadernos das Águas**. Porto Alegre: WS Editor, 1998. **Poemas de Amor**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991; **A Migalha e a Fome**. Petrópolis: Vozes, 2000; e o mais recente, **A força de não ter força**, publicado este ano pela Editora Escrituras, de São Paulo.*

*Recebeu diversos prêmios, entre eles, a Menção Honrosa no Casa de las Américas/99 em Cuba pelo livro **As Sombras da Vinha**; o prêmio Revelação da Associação Paulista dos Críticos de Arte (1990) com **Nos Gerais da Dor**; o Prêmio Açorianos/96 na categoria poesia pela obra **Os Cantares da Semente**; em 2002, foi homenageada pelo Instituto Estadual do Livro (RS) com o fascículo dedicado a contar sua vida e obra.*

*Maria Carpi esteve ao lado de seu filho, o poeta Fabrício Carpinejar, quando ele apresentou o livro **Caixa de Sapatos**, durante o evento **Sala de Leitura**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, no dia 7 de outubro de 2003.*

*Que eu desapareça a fim de
que as coisas que vejo
se tornem, por não serem
mais coisas que vejo,
completamente belas.*

Há livros que são somente livros, outros são o rosto. E não apenas o rosto do autor, pois, nesses, até a autoria desaparece, para dar lugar a condição humana. São o rosto da humanidade. Simone Weil retira-se para cumprir a encarnação do verbo. Não apenas desfaz-se

a dicotomia entre pensamento e ação, entre palavra e pessoa – e é belo encontrar uma página em que o autor não desmereça com sua vida – mas, de maneira assombrosa, Simone não reivindica para si o enxergar longe nas mínimas coisas. Tudo é consagração da vida. E Simone deixa-se perpassar, conduto de alta sensibilidade, tanto pelo bem que almeja como pelo peso da gravidade, quando transforma o homem em lástima e matéria.

Sempre há uma distância enorme entre a dor individual e a dor alheia, essa que não nos diz respeito, que não interfere em nossa festa, que não nos acorda alta noite de um sono tranquilo, de que nem sequer suspeitamos ou que amortecemos à primeira suspeita ou que desviamos o olhar, quando exposta nos noticiários, ou atrapalha o passo no passeio público. Mas Simone pessoaliza tudo o que o outro sofre. Assume a responsabilidade pela dor no mundo. Faz-se refém da graça, aliviando a carga do próximo e do longínquo. Filósofa, trabalha em paridade com os mineiros e operários de grandes fábricas. Não há divisas entre países, quando o outro é vergastado pela infâmia e ei-la inserida na chaga de Espanha ou participando da resistência contra a desumanização. Não há fronteiras entre o passado e o futuro, tudo é presente para quem assume a responsabilidade da existência. E tanto a vemos junto à serenidade de Antígona ou curvada ao poema da força de todas as Ilíadas, como também a lemos, por ter vivenciado a retidão do rosto, em nossas páginas, atualíssima, através das asas de seu espírito, pondo-nos a refletir por que ainda não edificamos a morada da fraternidade.

Simone não é apenas o ponto de junção entre o antigo e o novo testamento. Como profeta, antecipa o Messias e, como mártir, atualiza os profetas. Pessoalmente devo muito a Simone Weil: eu necessitava encontrar uma escrita que fosse testemunho de vida. Ao interpretar-lhe a letra, ilumino-me, olhando-a face a face, videira enraizada no amor. Pois, como bem diz: “Quem é desenraizado, desenraiza. Quem é enraizado, não desenraiza”. Ainda pouco se pensou sobre os seus escritos. Muito pouco foi assimilado da profundidade de suas reflexões. Ocorre que, sendo Simone essencialmente **palavra viva**, ela continuará falando-nos. Não fazendo parte de escolas e de modismos, permanece em sua luz, se olharmos para o firmamento, quando a escuridão nos cobre.

“UM PENSAMENTO EXTREMAMENTE HUMANO, UMA COERÊNCIA IRRETOCÁVEL...”

Entrevista com Maria Clara Bingemer

*A jornalista, teóloga e professora Maria Clara Bingemer estuda e escreve sobre Simone Weil, demonstrando o encantamento pela vida da filósofa que destacamos na edição dessa semana. Maria Clara é graduada em Comunicação Social, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ, com dissertação intitulada **Deus em todas as coisas. A Teologia Trinitária dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola**. Doutorou-se em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, PUG-Roma, tendo sua tese o título **Deus e o Divino Serviço. Mística Trinitária e Práxis Cristã em Santo Inácio de Loyola**.*

*É professora da PUC-Rio e integra o Centro Loyola de Fé e Cultura– CLFC. Tem mais de 20 de livros publicados. Entre eles citamos **O Mistério de Deus na Mulher**. Petrópolis: Vozes-Iser, 1990; **O Lugar da Mulher**. São Paulo: Loyola, 1990; **O Segredo Feminino do Mistério**. Petrópolis: Vozes, 1991; **Mulher e Relações de Gênero**. São Paulo: Loyola, 1994; **Jesuítas e Leigos. Servidores da Missão de Cristo**. São Paulo: Loyola, 1997; **A Igreja e os Intelectuais: contribuição para a construção da sociedade**. Bauru: Edusc, 1998; **A experiência de Deus num corpo de mulher**. São Paulo: Loyola, 2002; e o mais recente **Deus amor: graça que habita em nós**. São Paulo/Valência: Paulinas/Siquem, 2003. Confira a entrevista*

concedida pela teóloga ao **IHU On-Line** e o artigo de sua autoria publicado no *Caderno Idéias*, do **Jornal do Brasil** de 26 de setembro de 2003.

IHU On-Line- Qual é a principal contribuição de Simone Weil à sociedade?

Maria Clara Bingemer- Creio que Simone Weil, apesar de sua curta vida, produziu um pensamento de uma fertilidade, uma seriedade e uma profundidade raras. Creio que sua principal contribuição para os nossos dias é essa capacidade única que ela tem de unir mística e ação, política e contemplação, compaixão e senso de justiça, experiência e práxis. Ou seja, seu pensamento é habitado pela contradição e por isso extremamente humano, e sua vida é de uma coerência irretocável, o que dá ainda mais credibilidade ao seu pensamento. Trata-se de uma figura de mulher única e ímpar no século XX. Sua fragilidade de mulher e sua saúde combatida se aliam a uma imensa e descomunal força de espírito e de coração que não lhe permitiam jamais deixar indiferente ninguém que a encontrasse. Seu aparente antijudaísmo (dificuldades com o Antigo Testamento, por exemplo) criou muita polêmica. Mas, na verdade, Simone tinha extremo amor por muitos textos do Antigo Testamento (os Profetas, sobretudo o Deutero-Isaías, o livro de Jó, etc.) e só tinha problemas com os que reputava materialistas e violentos. Jamais se poderia acusá-la de anti-semitismo nem de qualquer outro tipo de intolerância com qualquer grupo humano. Foi, antes de tudo, uma mulher livre e, como mulher livre, aderiu, de pleno coração, ao Cristo.

IHU On-Line- O que ela aprendeu junto aos operários e o que lhes ensinou?

Maria Clara Bingemer- Aprendeu que o trabalho moderno escraviza as pessoas, transformando-as em coisas e transformando as coisas em pessoas. Sua experiência na fábrica lhe ensinou que nenhuma poesia feita sobre o povo é verdadeira, se nela não estiverem presentes também a experiência de conviver com o povo e a fadiga nascida dessa convivência. Ela diz que aquele ano de fábrica matou sua juventude e marcou-a, indelevelmente e para sempre, com o estigma da escravidão. A partir dali, todas as vezes que alguém se dirigia a ela com delicadeza e consideração, ela pensava ser um engano. Por outro lado, aprendeu também muitas coisas sobre o poder: que ele é uma falácia para o poderoso e uma tentação permanente para o oprimido. Aos operários ensinou-lhes que tinham a capacidade de pensar. Ela os estimulou a não deixar que a máquina engolissem suas vidas não só fisicamente, mas também espiritualmente, mentalmente. Procurou dar-lhes pistas com seu ensino informal, para que eles usassem sua razão, não deixassem morrer seu senso estético, buscassem, na arte, uma válvula de escape daquela morte em vida que o trabalho lhes impunha.

IHU On-Line- Qual é a percepção que levou Simone a dizer "ali tive, de repente, a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ela, e eu entre os outros". O que significa essa frase?

Maria Clara Bingemer- Ela vinha da experiência da fábrica, onde sentiu toda a escravidão que marcou de maneira indelével seu corpo e seu espírito. Essa experiência em Portugal deu-se em Póvoa do Varzim, uma aldeia portuguesa de pescadores e foi no dia 15 de setembro, festa de Nossa Senhora das Dores. Ela percebeu lá que seu lugar era entre os mais pobres, os desvalidos, os escravizados pela opressão. O Pe. Perrin, em páginas de extrema delicadeza espiritual, em seu livro *Mon dialogue avec Simone Weil* diz ter certeza de que ali Nossa Senhora foi medianeira de uma graça especial para Simone: a percepção do rosto de Jesus Cristo no rosto dos mais pobres e dos escravos. Para Simone, portanto, a experiência de Deus estará sempre unida à experiência de comunhão solidária e compassiva com os mais pobres.

IHU On-Line- O que ela teria para dizer ao cristianismo hoje?

Maria Clara Bingemer- Ela diria muitas coisas: que é preciso tomar cuidado para que o peso da instituição não sufoque os carismas e as autênticas experiências de Deus; que o cristianismo é a religião dos pobres e desvalidos deste mundo e que é preciso deixar isso sempre mais claro, não compactuando com o império da dominação e do lucro desenfreado; que usar a força pode ser necessário em algumas circunstâncias (a tirania, por exemplo, ou o genocídio, como o nazismo), mas que a violência nunca é a melhor solução e que a guerra nunca pode ser chamada de justa nem, muito menos, de santa. E, sobretudo, que se pode ser uma santa, uma pessoa que vive em estreita comunhão de amor com Deus, sem pertencer visível e explicitamente à instituição eclesial. E, finalmente, que é preciso descobrir e valorizar esses testemunhos anônimos, esses santos sem igreja e sem capela nem coroa, mas que são sal da terra e luz do mundo.

IHU On-Line- O que ela teria a dizer às universidades e ao mundo intelectual acadêmico?

Maria Clara Bingemer- Ela sempre considerou a formação intelectual como um privilégio, mas um privilégio terrível. Chamaria a atenção para a imensa responsabilidade que têm os intelectuais cristãos no mundo de hoje, diante da injustiça, da divisão e da violência que se abate sobre o mundo. Simone jamais percebeu o conhecimento adquirido nas melhores instituições acadêmicas francesas como algo que lhe permitisse subir na vida ou adquirir privilégios, mas como algo que a fazia capaz de ajudar as pessoas mais pobres e desprotegidas, mostrando-lhes que, se elas buscavam realmente a verdade, poderiam alcançá-la, talvez muito mais e muito mais profundamente que o intelectual soberbo que pensava possuí-la. Na verdade, a vida intelectual para Simone é sinônimo de busca da verdade.

IHU On-Line- O que ela teria a dizer ao mundo do trabalho, aos imigrantes, aos menos privilegiados?

Maria Clara Bingemer- Que não se deixem confirmar em sua condição oprimida; que lutem, que se unam, que se reúnam, que pensem juntos; que participem de atividades culturais e artísticas, pois a cultura e a arte abrem as mentes e os corações para percepções outras que ajudam a não ser subjugados pelo trabalho embrutecedor. Diria que o amor e a fraternidade são possíveis e que é preciso buscar a verdade de onde se está. E que o lugar deles é tão digno e precioso para fazer o mundo entender isso como o lugar da universidade e o do poder.

IHU On-Line- Qual seria a palavra de Simone Weil hoje sobre guerra, opressão e paz?

Maria Clara Bingemer- Apesar de não ser uma pacifista no sentido literal, Simone Weil tem intenções verdadeiramente luminosas e inspiradoras sobre a questão da violência e sobre o mal que esta faz à humanidade. Uma de suas grandes dificuldades com a Igreja eram episódios como o das cruzadas e o da inquisição, em que a Igreja, no seu dizer, compactuou com o império da força. Simone dizia que conhecer a força, mas não fazer uso dela, era a verdadeira atitude ética e moral que o ser humano podia ter. Mais tarde, ela participou da resistência, mas mesmo seu projeto das enfermeiras de primeira linha era não-violento, no sentido de que as enfermeiras pretendiam expor-se à morte, sim, mas não desejariam matar, pelo contrário, se proporião a cuidar dos feridos de ambos os lados.

FILÓSOFA E MÍSTICA

O radical humanismo de Simone Weil, morta aos 34 anos, é redescoberto em todo o mundo.

Por Maria Clara Bingemer

*O artigo a seguir, de autoria de Maria Clara Bingemer, foi publicado no Caderno Idéias, do **Jornal do Brasil**, em 26 de setembro de 2003.*

Há pouco mais de 60 anos, na noite de 24 de agosto de 1943, morria, na mais completa solidão, em um sanatório de Ashford, Inglaterra, a filósofa francesa Simone Weil. Aos 34 anos, apagava-se uma vida que, apesar de curta, marcou a história e o pensamento do Ocidente do século XX.

Ainda pouco conhecida no Brasil, só no final de década de 1980 suas obras começaram a ser traduzidas aqui. Entre elas, **Pensamentos desordenados acerca do amor de Deus e A espera de Deus** (Editora ECE), **O enraizamento** e **Opressão e liberdade** (Edusc), **A condição operária** (Paz e Terra), **Aulas de filosofia** (Papyrus) e (Martins Fontes).

No entanto, Simone Weil chama cada vez mais a atenção de pesquisadores estrangeiros na Europa e nos Estados Unidos. Suas obras completas, em processo de publicação na França, pela Gallimard, chegam a 17 volumes.

No Brasil, ela foi homenageada esta semana (de 22 a 26 de setembro) por um grande seminário, realizado no Rio, em Belo Horizonte e em São Paulo, com a presença de especialistas estrangeiros, como a socióloga italiana Giulia Paola di Nicola, que veio lançar **Abismos e ápices**, uma das melhores análises sobre a vida e a obra de Weil.

Simone nasceu em Paris, a 3 de fevereiro de 1909, filha de uma família de origem judaica. Seu pai era um médico da Alsácia e sua mãe, originária da Rússia. Seu irmão foi um precoce matemático, mais tarde brilhante docente em Princeton, EUA. Formada em filosofia pela Sorbonne, em Paris, Simone foi a primeira mulher catedrática da França. Formada em completo agnosticismo, desde muito jovem revelou-se apaixonada pelo tema da condição humana no mundo do trabalho.

Militante aguerrida na juventude, Simone viveu intensamente as lutas, esperanças e dores de seu tempo. Profundamente consciente da opressão de que eram vítimas os operários em seu país, levou sua solidariedade a ponto de deixar a cátedra e trabalhar numa fábrica pelo período de um ano.

De acordo com suas palavras, essa decisão era, antes de tudo, "um ato de obediência" que, uma vez vivido, será percebido como tendo "matado sua juventude e configurado sua pessoa à desgraça e infelicidade alheias". Nos anos 1930, a intelectual Simone vive junto aos operários franceses a crise e o desemprego. São anos duros, decisivos em sua vida. Neles, em suas cortantes palavras, recebe, na carne, a marca da escravidão que "é o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião".

Durante a evolução de seu processo intelectual e interior, a filósofa, que experimenta de dentro a vida dos pobres em condições de aguda exploração ficará marcada e ferida para sempre pela verdade de que "nenhuma poesia sobre o povo é autêntica se a fadiga não estiver presente nela, assim como a fome e a sede nascidas da fadiga". Simone deixará, a partir daí, em seus escritos históricos e políticos, um insuperável diagnóstico das causas da escravidão moderna, na qual "as coisas representam o papel dos homens, os homens representam o papel das coisas: eis a raiz do mal".

A "marca da escravidão" e o sentimento de solidariedade levarão Simone à fé cristã, quando, numa viagem de repouso em Viana do Castelo, um vilarejo português de pescadores, assiste a uma procissão das mulheres do lugar. Em seu ardente relato, diz: "Ali tive, de repente, a certeza de que o cristianismo é, por excelência, a religião dos escravos, que os escravos não podem não aderir a ela, e eu entre os outros."

Mais tarde, em Assis, tem significativa experiência religiosa: na capelinha românica do século XII de Santa Maria dos Anjos, "incomparável maravilha de pureza onde São Francisco rezou muitas vezes, alguma coisa mais forte do que eu me obrigou, pela primeira vez na vida, a me pôr de joelhos".

A partir daí, o itinerário de vida de Simone vai ser um contínuo despojar-se, um "abaixar-se" e um ir ao encontro de uma proximidade cada vez mais amorosa e profunda ao Cristo Crucificado e sempre mais solidária com os pequenos, os humildes, os desprezados, os "párias" da modernidade.

Nesse despojamento solidário aos excluídos, Simone é progressivamente seduzida pelo cristianismo. Na Páscoa de 1938, vai com a mãe à abadia beneditina de Solesmes ouvir canto gregoriano. Ali conhece estudantes que lhe apresentam obras de poetas ingleses do século 17. Tendo aprendido de um deles o poema "Love", de George Hebert, passa a recitá-lo continuamente, sem perceber que já o faz em espírito de oração. É em uma dessas ocasiões, em novembro de 1938, que tem uma experiência mística profunda: "... senti, sem estar de maneira alguma preparada, porque nunca tinha lido os místicos, uma presença mais pessoal, mais certa, mais real que a de um ser humano... No instante em que Cristo se apoderou de mim, nem os sentidos, nem a imaginação tiveram parte alguma; senti, somente através do sofrimento, a presença de um amor semelhante ao que se lê no sorriso de um rosto amado".

Agudamente consciente do genocídio que se aproxima, Simone vive, na carne, os tempos difíceis da ascensão do nazi-fascismo na Europa, tempos "em que tudo o que normalmente parece constituir uma razão de viver se desvanece; em que devemos, sob pena de afundarmos no desnorreamento ou na inconsciência, questionar tudo". A Segunda Guerra Mundial será para ela a derradeira interpelação. Formula planos irrealizáveis de engajamento no conflito, recusados pelas autoridades francesas. No racionamento alimentar do tempo de guerra, dá a maior parte de seus talões para os refugiados e senta-se à mesa dos mais miseráveis para compartilhar as refeições.

Apaixonada por Cristo e sentindo-se plenamente cristã, Simone Weil, no entanto, recusa-se a aceitar o batismo, oferecido por seu confessor. Aceitá-lo seria, a seus olhos, trair o desamparo que entende ser seu lugar de permanência. Abrigar-se nas seguranças da Igreja, separando-se dos esquecidos e proscritos, junto aos quais o amor de Deus se faz "quase" impossível, "mais ausente que a luz numa cela tenebrosa", soa para ela como traição. Encontrar o bem junto a eles, em meio às celas tenebrosas do mundo, é algo que exige toda a atenção, sem nunca poder ser obra da própria vontade. Essa atenção é, para Simone, tecida de paciência, esforço e método, mas antes de tudo "a atenção absolutamente sem mistura é oração" e está ligada "não à vontade, mas ao desejo. Ou mais exatamente ao consentimento".

Longe da desejada participação ativa ao lado dos combatentes do nazismo, impedida de entrar na França ocupada pelos alemães, Simone morre debilitada e sozinha, no sanatório de Ashford. Como se pressentisse seu destino, essa estranha mística de nossos modernos tempos escreveu: "... solidão. Qual será o seu valor? (...) O seu valor consiste na possibilidade superior de atenção".

Nestes momentos finais de sua vida, sozinha em um leito de hospital, certamente a atenção de Simone foi toda ela atraída para a contemplação de Deus na miséria humana, pois "só uma coisa de Deus podemos saber: que Ele é o que nós não somos. Apenas nossa miséria é a

imagem disso. Quanto mais a contemplamos, tanto mais O contemplamos". Simone encontra aí a chave para o segredo do caminho do ser humano em direção ao Absoluto: a vulnerabilidade e mortalidade humanas.

LIVRO RESGATA VIDA, OBRA E LUTA PELOS POBRES

Abismos e ápices: Percursos espirituais e místicos em Simone Weil

Giulia Paola di Nicola e Attilio Danese

São Paulo: Loyola, 2003, 309 páginas.

*O comentário sobre o livro com o título acima foi escrito por Maria Clara Bingemer, e igualmente publicado no Caderno Idéias, do **Jornal do Brasil**, em 26 de setembro de 2003.*

O caráter universal do chamado à santidade afirma a possibilidade de todo ser humano viver uma intimidade profunda com Deus. Em meio ao pluralismo cultural e religioso que marca nossa sociedade, os exemplos de alguns e algumas que realizaram essa possibilidade é um referencial de caminhada.

Amiga de Deus e amiga da vida, Simone Weil é alguém cuja história mostra a possibilidade da "intimidade com Deus" e da "autonomia heterônoma" vivida no primado da alteridade divina e humana no século sem Deus. O livro *Abismos e ápices*, escrito pelo casal de filósofos italianos Giulia Paola di Nicola e Attilio Danese, narra a aventura mística dessa mulher marcante.

Chega em hora oportuna a obra desses autores que figuram entre os mais profundos conhecedores do pensamento e da obra de Simone Weil. O mundo, convulsionado e oscilante em todas as suas certezas e seguranças, busca uma luz que lhe mostre o caminho. A figura dessa intelectual brilhante, mística ardente e militante intrépida pode ajudar a busca de muitos.

Os autores trabalham os eixos mais centrais da mística weiliana: a compaixão pelos oprimidos de toda sorte, que chega até o tormento; o mergulho na desgraça e no mal em busca da Verdade; o encontro apaixonado e profundo com o Cristo, que a toma por inteiro no centro do mistério de sua cruz; a resistência a entrar na instituição para ser fiel à condição desamparada com os pobres com quem faz aliança; os esponsais amorosos com o Crucificado. Ao longo do texto, sente-se o ardente pensamento da filósofa que testemunhou ser a mística a mais alta forma de conhecimento.

Simone Weil tem certamente muito a dizer aos leitores de nosso País, seja no meio acadêmico, religioso ou simplesmente letrado. Sua mística feita de abismos e ápices, de mergulhos profundos na desgraça humana e elevações sublimes na luz divina, seguramente ajudará a mais de um a pensar a experiência de Deus dentro da crise da modernidade que hoje vivemos.

Pode parecer estranho que Deus nos ofereça lições de cristianismo através dessa judia, que resistiu ao batismo para permanecer fiel aos párias de seu tempo. Aos olhos instalados nas certezas rotinizadas das razões teológicas e políticas de hoje, ela é "insensata" e "herética", em sua declarada repugnância para com a religião fundada em promessas de riquezas e poderes.

De impressionante atualidade e profundidade sem igual, seus escritos continuam inspirando e fortalecendo a fé dos filhos da modernidade que não cessaram de buscar o sentido da vida e o encontro verdadeiro com o Deus da revelação.

“EXEMPLO COERENTE DE LUCIDEZ POLÍTICA E PENETRAÇÃO FILOSÓFICA”

Entrevista com Fernando Rey Puente

Estudioso de Simone Weil, o professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fernando Eduardo de Barros Rey Puente, concedeu a entrevista, a seguir, a **IHU On-Line** na última semana. Graduado em Filosofia e Psicologia, Fernando é mestre em Filosofia pela Freie Universität Berlin (F.U.B.) Berlim, Alemanha, doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tendo sua tese o título **Os sentidos do tempo em Aristóteles**, e pós-doutor pela Universidade de São Paulo (USP). É autor de **As Concepções Antropológicas de Schelling**. São Paulo : Loyola, 1997 e **Os Sentidos do Tempo em Aristóteles**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Organizou o livro **Os filósofos e a mentira**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. Entre os trabalhos apresentados sobre Simone Weil, Fernando Rey Puente escreveu, no ano de 2000, **Simone Weil: geometria, sofrimento e cruz. Da ciência e da tragédia gregas aos mistérios cristãos**. O professor foi um dos organizadores do Colóquio Simone Weil, promovido pela UFMG, em agosto deste ano.

IHU On-Line- Qual é a contribuição mais importante de Simone Weil para a filosofia?

Fernando Rey Puente- Parece-me difícil individuar "a mais importante contribuição" de Simone Weil para a filosofia. Os superlativos são sempre problemáticos... Contudo, gostaria de chamar a atenção para o fato de que nela, de modo excelente, teoria e vida estão intimamente articuladas. Basta que se recorde da importância que filósofos atuais, como P. Hadot⁽¹⁾, conferem a essa noção de pensar a filosofia como modo de vida, e não simplesmente como atividade teórica, para constatar-se a importância que uma obra como a de Simone Weil tem para a filosofia do século passado e, mais ainda, do nosso. No século XX, quando a maior parte dos intelectuais engajados comprometeu-se acriticamente com alguma ideologia, de esquerda ou direita, ou permaneceu alheia aos acontecimentos político-sociais de sua época ao mergulhar na vida acadêmica, fecunda, mas distante da vida cotidiana dos seus concidadãos, ela, pelo contrário, jamais se deixou enredar em nenhum tipo de grupo ou partido político e, mais importante, jamais deixou de participar dos eventos políticos e sociais, bem como de fazer o enorme e difícil esforço de pensá-los filosoficamente. Por essa razão, talvez, e aqui recaio nos superlativos, é o exemplo mais coerente de lucidez política e penetração filosófica do século passado ao aliar a perspicácia política de um Maquiavel e um Marx aos interesses e à penetração filosófica de um Platão ou Kant.

IHU On-Line - Poderia explicar a frase de Simone Weil que está no seu site (www.fafich.ufmg.br/~ferey/): "O método próprio da filosofia consiste em conceber claramente os problemas insolúveis em sua insolubilidade, depois simplesmente em contemplá-los, fixamente, incansavelmente, durante anos, sem nenhuma esperança, na espera. Segundo esse critério, há poucos filósofos. Poucos é ainda dizer demais." Qual é a atualidade desse conceito?

Fernando Rey Puente- No meu site, queria, de algum modo, render homenagem a um pensador (e não digo propositalmente 'a uma pensadora', pois não a julgo grande apenas dentre as filósofas...) que sempre me fascinou e que me parece profundamente injustiçado pelos meios acadêmicos brasileiros. Simone Weil, é verdade, desprezava esses meios acadêmicos e dirigia a ele acerbas críticas, como se pode ler em sua última obra escrita: **O enraizamento**. Não creio que se trate de advogar a atualidade da frase que está na página inicial de meu site, a menos se entendermos que em filosofia 'atualidade' pode querer dizer, no

c¹ .- No Brasil, deste autor, foi publicado o livro Pierre HADOT, O que é a filosofia antiga?, São Paulo: Loyola, 1999. (nota do **IHU On-Line**)

mais das vezes, perpetuidade ou perenidade de um tema ou problema. Acredito que, quando mergulhamos, profundamente no exercício do pensamento ou, ao menos, podemos ler e apreciar os poucos seres humanos que o fizeram, damos-nos conta de que o mais difícil para um pensador é realmente a capacidade de contemplar um problema sem querer resolvê-lo rapidamente. Talvez essa contemplação de um problema filosófico, vamos dizer, das grandes antinomias que a filosofia, apesar de sua diversidade, apresenta-nos através dos séculos, seja uma das tarefas mais difíceis do pensar e que distingue de modo radical os verdadeiros pensadores, que são realmente muito poucos ao longo da história, de seus continuadores, comentadores ou historiadores.

IHU On-Line- Que relações o Sr. estabelece entre Simone e Friedrich Nietzsche?

Fernando Rey Puente- Tive oportunidade de abordar esse assunto mais extensamente em um artigo que escrevi há quase dez anos sobre esses dois pensadores e a reelaboração que ambos fizeram do mundo grego. Creio que a única grande semelhança entre ambos é a intensidade, a integridade e a veracidade que se depreende dos textos filosóficos desses autores. No mais, são autores completamente diversos. A própria Simone Weil em uma carta endereçada a seu irmão, um dos mais importantes matemáticos do século XX, André Weil, e contida no volume ***Sur la Science***, relata a sua aversão a Nietzsche, mesmo quando ele, como Simone Weil diz, "exprime as coisas que eu penso". A apropriação e reconstrução que ambos fazem do mundo grego é diametralmente oposta. Como um de seus maiores intérpretes, Miklos Veto, afirmou em seu livro ***La Métaphysique Religieuse de Simone Weil***: "Nenhum pensador deste século foi mais influenciado por Platão do que Simone Weil e quase todas as questões fundamentais do platonismo cristão são debatidas nessa obra, que é o único exemplo de especulação mística platônica e cristã de nosso século" (p.148)² Ora, a posição de Nietzsche em relação a Platão é bastante crítica, como se sabe, embora isso mostre também a extrema importância deste pensador para ele, ainda que, muitas vezes, seja para caricaturá-lo e tê-lo como adversário exemplar. Do mesmo modo, a avaliação que ambos faziam dos estoicos ou o modo como avaliavam a contribuição de Roma é radicalmente divergente.

IHU On-Line- O que Simone Weil teria a dizer à filosofia brasileira?

Fernando Rey Puente- Não acredito que se possa falar em uma filosofia brasileira, mas, sim, em uma filosofia realizada no Brasil. Nesse caso, acho que ela tem algo a dizer não apenas ao Brasil, mas ao mundo todo. Um forte indício disso é o fato de, praticamente, todas as suas obras já terem sido traduzidas no Japão, e, além disso, há diversos pesquisadores japoneses da obra weiliana. O mesmo pode-se dizer da Itália, país que, provavelmente juntamente com o Japão, tem o maior número de investigadores de sua obra e onde vários colóquios e congressos, acerca de seu pensamento, ocorrem com muita frequência. No Brasil, cabe mencionar o trabalho de Ecléa Bosi que, a partir do final dos anos 1970, muito contribuiu para a maior difusão da obra de Simone Weil. Lamentavelmente, os meios filosóficos brasileiros continuam a ignorar uma obra profunda, original e radical. Creio que para os estudantes no Brasil descobrir uma pensadora que reflete com argúcia os problemas sociais e políticos, não ignorando, contudo, a dimensão espiritual, seria de grande importância.

² Miklos VETÖ, ***La Métaphysique religieuse de Simone Weil***, Paris, L'Harmattan, 1997. (Nota do ***IHU On-Line***)

IHU On-Line- De que maneira se relacionam em Simone a dimensão de intelectual, de filósofa e suas preocupações sociais e seu compromisso com a classe operária tão radicalmente vivido?

Fernando Rey Puente- A relação entre essas áreas em Simone Weil é de integração total. Não podemos pensar dicotomicamente em duas fases dela, a primeira, típica da pensadora política, e a segunda que poderia ser caracterizada por preocupações mais religiosas e espirituais. Não devemos esquecer que a sua última obra **O Enraizamento**, escrita em 1943, ano de sua morte, assinala, com clareza, o grande projeto filosófico de Simone Weil, a saber, a construção de uma civilização alicerçada na espiritualidade do trabalho. Aliás, é precisamente esse aspecto que Robert Chenavier - atual presidente da Associação dedicada ao pensamento de Simone Weil e à publicação de uma revista especializada em seu pensamento - ressalta em sua obra recém-publicada **Simone Weil. Une Philosophie du Travail**³. O que vemos, em seus textos, é a metamorfose contínua da vida em reflexão filosófica, tanto na sua experiência como operária, como professora, como participante de greves e de sindicatos, bem como da Guerra Civil Espanhola. Dessas experiências nascem textos de profunda lucidez e reflexões originais e ousadas sobre a noção de trabalho, sobre o colonialismo, sobre a guerra, etc.

IHU On-Line- Para ela, então, religião e ciência são indissociáveis?

Fernando Rey Puente- Seu grande projeto é o de mostrar a complementaridade entre ciência e religião. Por isso, ela se interessava tanto pela física e pela matemática. Mas o que ela buscava era integrar as reflexões científicas com as espirituais. Por essa razão, falava do caráter científico e rigoroso da mística. O fundo, ela procurava ressignificar a ciência, buscando para ela uma dimensão simbólica e espiritual que foi progressivamente posta de lado. O interesse por essa dimensão faz-nos compreender melhor o porquê de seu fascínio pelos pitagóricos para os quais a precisão matemática dos números era acompanhada de sua dimensão simbólica e espiritual. As análises de Simone Weil sobre a atenção, o tempo, a força, a Providência, dentre tantos outros aspectos, convencerão, pouco a pouco, a comunidade acadêmica do caráter abissal de seu pensamento. Um filósofo de ampla circulação midiática como Comte-Sponville declarou recentemente em conferência pronunciada na Sorbonne e que será proximamente editada nos **Cahiers Simone Weil** (a revista especializada em seu pensamento) que, para ele, os dois maiores pensadores do século XX eram Simone Weil e Ludwig Wittgenstein. Tal declaração assinala uma mudança que quero crer progressiva, e isso para o bem da própria filosofia. A maior divulgação da obra de Simone Weil poderia contribuir como alimento fecundo para o repensar das grandes questões filosóficas que se apontam neste século que se inicia.

“SE FILOSOFAR É INTERROGAR, SIMONE WEIL

SOUBE FAZÊ-LO COM EXTRAORDINÁRIA ARGÚCIA”

Entrevista com Emilia de Moraes

Emilia Maria Mendonça de Moraes é filósofa pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Mestre em Filosofia pela USP, com dissertação intitulada Os paradoxos da liberdade - política e pedagogia na filosofia de Jean-Jacques Rousseau, atualmente cursa doutorado em Filosofia na Universidade Estadual de

³ CHENAVER, Robert. **Simone Weil. Une philosophie du travail**. Paris, Cerf, 2001. (Nota do *IHU On-Line*)

Campinas, UNICAMP. Emilia, que é professora aposentada da UFPE e acompanhou intensamente a obra de Simone Weil, concedeu a seguinte entrevista a seguir a **IHU On-Line**.

IHU On-Line- Como a Sr.^a foi descobrindo a obra de Simone Weil, na sua vida?

Emilia de Morais- Meu primeiro contato com seu pensamento se deu no final da década de 1970, quando da publicação de **A condição Operária e outros escritos sobre a opressão**, uma coletânea de textos de Simone Weil, organizada por Eclea Bosi. No início da década de 1980, tendo obtido uma bolsa para estudar na França, consegui adquirir todos os seus livros que tinham sido publicados até então, pela Collection Espoir (Gallimard), dirigida por Albert Camus, assim como os seus escritos mais orientados para a especulação filosófica e religiosa como **Attente de Dieu, Intuitions pré-chrétiennes**, e os três volumes dos **Cahiers**.

IHU On-Line- Por que a Sr.^a considera Simone Weil uma das maiores pensadoras do século XX?

Emilia de Morais- Uma das maiores pensadoras, a meu ver, sem dúvida alguma, apesar do caráter fragmentário de grande parte dos seus escritos. E não pense que a estou comparando apenas com Simone de Beauvoir, Hanna Arendt ou Rosa Luxemburg, muito mais conhecidas e festejadas nos meios intelectuais. Situo Simone Weil entre os raríssimos grandes filósofos do século passado. Responder a esta questão passa necessariamente pela concepção do que julgo primordial ao exercício do pensamento e da filosofia. Atenho-me a um princípio quase esquecido em nossos tempos sombrios, muito caro aos filósofos antigos, porém a raros contemporâneos: pensamento e vida não devem ser dissociados, porque ambos se nutrem necessária e mutuamente. A vida de Simone Weil, como a de Rosa Luxemburg, é indissociável do seu pensamento. Todos os que a conhecem minimamente sabem disso e a sua coragem de viver ela soube, com sua inteligência e exigência de rigor teórico ímpares, traduzir em coragem de pensar, ou vice-versa, pois nessa inter-relação tão estreita fica muito difícil estabelecer prioridade ou precedência. Além disso, se filosofar é sobretudo interrogar, Simone Weil soube fazer isso com extraordinária argúcia. Como ela mesma reconheceu, não é muito difícil fazer uma crítica teórica, difícil mesmo é ousar questionar a crítica que já se consagrou e adquiriu algum prestígio acadêmico. Ela interrogou Marx e os marxistas com a autoridade espiritual de quem tinha rompido com os confortos burgueses, de quem tinha voluntariamente vivenciado a experiência da condição operária e testemunhado uma atenção incansável aos oprimidos. Porém não foi apenas Marx, Lênin ou Trotski que ela interrogou. Judia por seu nascimento e inclinada ao legado espiritual do catolicismo por seu percurso místico voltado a Cristo - Aquele que *dissolveu a contradição entre o cordeiro e o pastor, sendo ele mesmo o bom pastor e o cordeiro imolado* - ela foi uma questionadora irredutível de aspectos doutrinários centrais ao judaísmo e à ortodoxia da Igreja Romana, desta última sobretudo enquanto, ao longo de toda a sua história, havia tutelado o livre exercício de pensar. É impossível classificá-la com qualquer rótulo filosófico; sua obra solitária está fadada a ser *outsider* em relação a todos os "ismos", seja marxismo, seja anarquismo, judaísmo, cristianismo... Ela superou as amarras que nos cerceiam, não se curvando aos receios de parecer simpatizante nem da revolução, nem da tradição. O testemunho de sua breve vida é raro e precioso, por nos mostrar como podem ser tangentes os dons do gênio e da santidade e como esses elos podem ser belos.

IHU On-Line- Como ela entendia os conceitos de opressão e liberdade?

Emilia de Morais- A opressão era a outra, porém não menos decisiva, face da exploração; era tudo aquilo que tolhesse nos seres humanos o pleno desenvolvimento de suas capacidades operativas e reflexivas. A liberdade seria concebível tão somente num meio social em que todas

as mais significativas ações humanas, sobretudo aquelas relacionadas ao trabalho produtivo, fossem orientadas pelo pensamento

IHU On-Line- Quais foram suas grandes descobertas sobre a "condição operária" e qual é a atualidade dessa obra?

Emilia de Moraes- Enquanto vários filósofos de sua geração, como Sartre ou Lukács, precisaram constatar desvios de rumo no socialismo histórico para reverem suas adesões ou simpatias partidárias, desde a década de 1930, ela interrogou os ideais mesmos da revolução proletária a partir de uma atenta leitura de Marx e de sua própria experiência como metalúrgica; embora reconhecesse que não tinha nenhum instrumental teórico melhor para pensar as relações de força no meio social do que o legado por Marx, desde cedo ela percebeu que a classe operária não poderia ser classe dominante em lugar nenhum no mundo, enquanto o planejamento da produção estivesse (como até hoje ainda se mantém) desvinculado das operações propriamente produtivas; como classe que, na melhor das hipóteses, sabia lidar apenas com os resultados da ciência atrelada à tecnologia e não com o próprio método científico, estaria condenada a ser dominada pelos fatores de um Estado totalitário e burocrático. Enquanto porta-voz da revolução proletária Marx teria, de fato, traído o seu próprio método, subordinando seu pensamento a ideais generosos, mas que não se sustentavam se nos detivéssemos em sua crítica da economia política.

IHU On-Line- Como se relacionam Deus, a condição de escravidão, o compromisso social com seus contemporâneos e a vida acadêmica em Simone Weil?

Emilia de Moraes- Ela pensou intensamente as relações entre o presumido amor de Deus e a desgraça (*malheur*) dos homens; aliás, este é o título de um dos seus mais belos e difíceis ensaios. Este mundo do qual Deus se retirou (o que remete à sua noção de *decriação*), teria sido subordinado à necessidade (aqui podemos identificar a sua filiação platônica). Se no meio físico a necessidade se traduzia em proporção e equilíbrio, no meio humano se transmutara em força cega e submissão. Resumindo e simplificando: a verdadeira ciência social seria aquela que, inspirada no modelo da natureza, concebesse com clareza a construção de um meio humano onde as forças sociais inelutavelmente antagônicas também pudessem se ordenar num possível equilíbrio, em que as lutas políticas se *mantivessem aquém de um certo limite de violência*. Quanto à vida acadêmica, ela a viveu sobretudo como aluna da École Normale Supérieure. Seu pensamento denso e inclassificável, às vezes, parece-me mesmo dotado de um certo antivírus acadêmico... Ela tinha formação não apenas em Filosofia mas também em História da Ciência. Conhecia bastante bem a geometria euclidiana, a física antiga, moderna e contemporânea. Chegou a participar das reuniões do grupo *Boubarki*, do qual o seu irmão, o grande matemático e geômetra André Weil, foi um dos fundadores. A recente reedição dos seus *Cahiers* com os escritos que não constavam da primeira edição, nos mostram isso. Foi ainda uma original intérprete dos pensadores gregos e fez uma leitura única de Homero e Platão, pelos quais tinha a mais alta estima. Todavia menosprezava Aristóteles, que é o filósofo, por excelência, tanto para os comentaristas da tradição tomista como para os filiados às correntes da filosofia analítica. Essa foi uma de suas grandes ousadias filosóficas e, talvez, o seu maior "pecado" acadêmico.

IHU On-Line- Acha que a filósofa tem sido pouco conhecida nas academias brasileiras?

Emilia de Moraes- Penso que o Brasil perde por ter ignorado ou sido desatento a essa pensadora que Camus considerou o único grande espírito do seu tempo e afirmou lamentar para sempre não tê-la conhecido em vida. As raras e tardias traduções que temos de seus

livros (todos eles póstumos), carecem de introduções e notas críticas que melhor guiassem os leitores. No ano 2000, tive a tristeza de abrir as páginas ainda coladas do volume da primeira edição de *Opressão e Liberdade* que constava da biblioteca do Instituto de Filosofia da USP, uma universidade que tem uma tradição de décadas de estudos marxistas... É lamentável que os poucos que a conheciam não a tenham introduzido no centro das discussões. Nossa esquerda, mais ou menos acadêmica, só teria ganho, se tivesse lido e meditado sobre o seu luminoso artigo, de 1933, inscrito naquele mesmo livro: ***Allons-nous vers la révolution prolétarienne?*** Na década de 1980, foi publicado no Brasil o *Discurso sobre a servidão voluntária* de Étienne la Boétie⁴, com a tradução de alguns comentários que constavam do volume lançado na França pela Ed. Payot. No entanto, o breve e belo ensaio que S. Weil dedicou a este texto – ***Méditations sur l'obéissance et la liberté*** - embora constasse da edição francesa, foi suprimido da edição brasileira... Por quê?

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

UMA NOVA TEORIA DA MUNDIALIZAÇÃO

Reproduzimos a resenha de Christian Chavagneux do novo livro de Ulrich Beck, ***Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation*** (Poder e contra-poder na era da mundialização). Paris: Aubier, 2003, publicada na revista ***Alternatives Économiques***, em outubro de 2003. Os subtítulos e a tradução são dos colegas do Cepat, de Curitiba. Eis um livro que vai, seguramente, ser muito falado. Depois do sucesso mundial de ***Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne***, Frankfurt am Main, 1986, (A sociedade do risco. A caminho da segunda Modernidade), o sociólogo alemão Ulrich Beck está interessado na mundialização. Ele volta com um calhamaço de quase 600 páginas, que ambiciona propor uma nova teoria política da mundialização econômica.

Ciências defasadas não ajudam a compreender o mundo

O livro toca fundo, à primeira vista. A ciência econômica atual, assim como a ciência política, as relações internacionais e uma boa parte da história não servem para compreender o mundo, explica Ulrich Beck. Por quê? Porque essas disciplinas têm por objetivo principal a análise do Estado e que esse não é mais o ator político por excelência. Ele perdeu a sua exclusividade para as multinacionais e o sistema financeiro transnacional ("o capital") e para a sociedade civil mundial. Beck propõe uma "nova teoria crítica cosmo-política" que anula as fronteiras entre as aproximações econômica e política. Ele "se propõe a conceitualizar o que se joga em torno da modificação das posições de poder e dos fundamentos do poder no espaço global".

Capital, Estado e sociedade civil: cenário mundial

⁴ São Paulo: Brasiliense, 1987 (Nota do ***IHU On-Line***)

O poder do capital, explica o sociólogo, é duplo: o de não se submeter a um território (não investir nele nem emprestar) e o de poder escrever a lei no nível transnacional (com páginas estimulantes sobre o que chama de “a dominação translegal”). Esse poder se exprime de maneira não coordenada – não há um complô mundial dos atores privados. Sobretudo, ele é frágil: não sendo legítimo, ele é sensível às coalizões antiglobalização de qualquer ordem. Por seu lado, a sociedade civil mundial contribui para questionar o dogma nacional ao procurar fazer prevalecer os direitos políticos e sociais para além das fronteiras, se necessário. Ela representa, ao mesmo tempo, um contra-poder ao poder do capital por sua capacidade de produzir, distribuir e utilizar estrategicamente a informação. Sua força vem do fato de que ela é percebida como legítima, tanto assim que ela é considerada como fonte de informações confiáveis, o que sua vontade de dramatizar a leitura do mundo questiona até certo ponto, sublinha Beck.

O papel do Estado na era da mundialização

Apertados entre os atores econômicos privados e a sociedade civil mundial, os Estados não estão, portanto, ameaçados de desaparecer. Eles são os meios para reconquistar o poder perdido para o capital, aliando-se à sociedade civil mundial. Eles dispõem para isso de muitas estratégias. É preciso mostrar-lhes que são indispensáveis: que a democracia e a cultura, por exemplo, não podem ser deixados nas mãos da lógica econômica. Eles devem desenvolver a cooperação estatal internacional (aceitando uma “desnacionalização de sua soberania”). Eles devem re-regular (telecomunicações...) e desprivatizar os campos que foram abandonados ao setor privado (serviços públicos). Eles devem procurar intensificar a concorrência entre as empresas para quebrar os monopólios e os oligopólios mundiais. Eles devem também propor projetos políticos e fazer sonhar.

O texto explora uma infinidade de exemplos, situa-se em muitos registros (o método, a explicação do mundo, o projeto político) e freqüentemente usa jargões (vai-se do “metajogo” ao “metapoder”, da “lógica interacionista” ao “mal-entendido monológico”). Ele suscitará seguramente provocações indignadas dos mandarins crispados sobre seu monopólio disciplinar, dos defensores do liberalismo, passados ao machado ao longo das 600 páginas, daqueles que defendem a lógica econômica dos oligopólios, etc. Em síntese, Ulrich Beck fará um número incrível de inimigos com esse livro! Mas, todos deverão reconhecer-lhe a coragem de propor uma aproximação teórica global em sintonia com as transformações de nosso mundo.

Deu nos jornais

Auditoria da dívida externa brasileira

Uma bandeira que é retomada

A proposta é antiga, mas se o Brasil continua pagando bilhões de dólares todos os anos a título de juros da dívida externa, por que não retomá-la? A idéia de que o governo brasileiro deve realizar uma auditoria oficial da dívida do País ganhou força durante o I Fórum Social Brasileiro, encerrado no dia 9 de novembro na capital mineira. A auditoria é uma das grandes bandeiras da Campanha Jubileu Sul, uma rede internacional, formada por representantes de sindicatos, igrejas e ONGs, criada em 1999, na África do Sul. Desde a realização do plebiscito da dívida em 2000, quando 95% dos cerca de 6 milhões de brasileiros votantes pediram a revisão da dívida, o assunto andava sem fôlego, abafado pela prioridade dada aos protestos contra a Área

de Livre Comércio das Américas (Alca). No entanto, a percepção de que o governo Lula mantém-se amarrado pelo histórico endividamento do País devolveu oxigênio à questão. A notícia é da **Agência Carta Maior**, 9-11-03.

Descartada a auditoria da dívida externa

Os defensores da auditoria da dívida externa, que foi durante anos uma das principais bandeiras do Partido dos Trabalhadores (PT), receberam um balde de água fria do ministro do Planejamento, Guido Mantega. "Não sei o que descobriríamos com essa auditoria", disse o ministro, em resposta a um questionamento da senadora Ana Júlia (PT-PA), durante reunião na Comissão de Infra-Estrutura do Senado. Ele explicou que o importante, em se tratando da administração da dívida pública, é conseguir taxas de juros baixas. "A dívida não está sendo paga, está sendo rolada", disse o ministro. A notícia é do jornal **Estado de Minas**, 12/11/03 e nos foi enviada pelo Setor Pastoral Social da CNBB.

O aumento da dívida externa brasileira No governo Lula, o aumento é de 3,4%

Um estudo realizado pelo Sindicato dos Auditores-fiscais da Receita Federal (Unafisco) aponta que, mesmo com todo esforço fiscal do governo, representado pelo superávit primário de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB), a dívida externa do país aumentou 3,4% entre janeiro e setembro deste ano, alcançando US\$ 235,5 bilhões. O principal motivo seriam os três saques do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), totalizando US\$ 14,3 bilhões. Segundo o Unafisco, a dívida gerará neste ano US\$ 13,7 bilhões em juros, o equivalente a R\$ 39,3 bilhões. Esse valor é quase oito vezes maior do que os R\$ 5 bilhões - no máximo - que deverão ser gastos com investimentos em 2003. A contenção ajuda a cumprir a meta de superávit, mas, na prática, significa redução do ritmo de execução ou cancelamento de obras planejadas pelo Estado, como estradas e rede de saneamento. Presidente do Unafisco, Maria Lúcia Fatorelli lança dúvidas sobre a legitimidade dessa dívida. 'Já pagamos muito mais do que devíamos', diz ela. O estudo garante que o Brasil já enviou ao exterior, entre 1979 e 2002, a título de juros e amortização da dívida externa, US\$ 158 bilhões a mais do que recebeu em empréstimos. Nesse mesmo período, a dívida se multiplicou por quase cinco vezes.

A dívida externa e o novo acordo com o FMI

O novo acordo de US\$ 14 bilhões, firmado entre o governo Lula e o FMI, recebeu críticas dos que pedem a auditoria da dívida. "Todo esforço do governo está direcionado ao pagamento da dívida, ao envio ao exterior dos lucros das transnacionais e ao pagamento de serviços", ataca a economista Sandra Quintela, do Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs). Conforme seus dados, o País já enviou ao exterior, entre janeiro e agosto deste ano, além de US\$ 8,2 bilhões para pagamento de juros, US\$ 3,2 na forma de lucro e US\$ 3,1 na contratação de serviços. No cerne desta questão, está o FMI. A Campanha Jubileu Sul atribui à entidade o papel de avalista das dívidas: emprestam dinheiro para reforçar as reservas de um país, de modo a garantir a continuidade dos pagamentos aos credores. Daí as críticas ao acordo firmado pelo governo Lula e o diagnóstico de que o melhor é não ceder ao jogo do Fundo. "O FMI estimulou países a se sobre-endividarem e impôs pacotes de salvamento, condicionados à adoção de políticas econômicas anti-sociais. Os empréstimos são concedidos em diversas parcelas, de forma a obrigar os países a cumprirem as metas determinadas", diz um dos boletins da Campanha.

Integração militar da América do Sul

Medo da presença dos EUA na Amazônia

José Dirceu, chefe da Casa Civil, falando no Foro Ibero-América, em Campos do Jordão, no dia 9-11-03, disse que “não é possível imaginar-se o futuro da América Latina sem os Estados Unidos, mas também não é possível os Estados Unidos permanecerem nessa postura hegemônica”. A notícia foi publicada com destaque no jornal **O Globo**, 10-11-03 e teve repercussão internacional. A notícia é destaque no jornal espanhol **El País**, 11-11-03 e no jornal argentino **Clarín**, 11-11-03, por exemplo. José Dirceu citou, como fator de grande preocupação na região, a luta da Colômbia contra o narcotráfico e disse que, se os países da América Latina não se unirem para ajudar a Colômbia, “os Estados Unidos ocuparão a Colômbia. E se ocuparem, não sairão de lá jamais. Isso quer dizer que estarão ocupando a Amazônia”.

Argentina apóia a posição de José Dirceu

O governo da Argentina manifestou dia 10-11-03, segundo o jornal **O Globo**, 11-11-03, total apoio às declarações do chefe da Casa Civil, José Dirceu, e afirmou que é fundamental reforçar a integração militar na América do Sul. Segundo disse ao jornal **O Globo**, o porta-voz do Ministério da Defesa, Fabián Dabul, “o governo do presidente Néstor Kirchner concorda plenamente com as opiniões expressadas por Dirceu”. A sintonia que existe entre Brasil e Argentina na área de defesa, ficou clara na última Conferência de Segurança Hemisférica, realizada no México, em 28 de outubro. Segundo revelaram fontes do governo argentino, os países do Mercosul, e sobretudo os governos Kirchner e Lula, insistiram na necessidade de incluir na declaração do encontro um parágrafo que deixasse claro que quem deve resolver o problema colombiano é o governo da Colômbia. Para Brasil e Argentina, seria inadmissível a ingerência dos EUA. Assim como o Brasil se preocupa com a Amazônia, os argentinos temem pela despovoada Patagônia, terra natal do presidente Kirchner.

Alca e a agricultura familiar

Os efeitos nocivos à agricultura familiar brasileira, como desemprego, queda na produção e redução da renda, são uma das preocupações do Brasil em relação à Área de Livre Comércio das Américas (Alca). A notícia está publicada no jornal **O Globo**, 11-11-03. Segundo o diretor da Divisão da Alca do Itamaraty, Tovar da Silva Nunes, esse cenário negativo é levado em conta pelo governo brasileiro na negociação do acordo, já que, em troca de uma maior abertura, o País terá de importar bens agrícolas subsidiados em seus países de origem. Com base em números do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Tovar disse que a Alca poderá ter efeitos desastrosos sobre a agricultura familiar, responsável por metade da produção de milho do País, 97% da de fumo, 60% da avicultura e 67% da colheita de feijão. “Se não tomarmos cuidado, acontecerá conosco o que houve no México. Com o Nafta (tratado de livre comércio da América do Norte), os mexicanos perderam mercado e, agora, 70% do milho usado na fabricação de ‘tortillas’ são subsidiados”, disse Tovar. Para Tovar, a Argentina também pode ser prejudicada: “Se abrimos o mercado para o trigo dos EUA e do Canadá sem qualquer cuidado, faremos grande mal à Argentina”.

Lula veta benefício para alunos deficientes

“Chega! Essa foi a gota d’água. Como senador de um partido que tinha o compromisso de defender os brasileiros marginalizados, sinto-me envergonhado. [...] O governo poderia até ser processado por discriminação”, afirmou o petista Flávio Arns (PR), ex-presidente nacional das Apaes. Como deputado, Arns foi relator do projeto, de autoria do deputado Eduardo Barbosa

(PSDB-MG). A notícia está nos jornais **Folha de S. Paulo** e **O Globo** de 12-11-03. Segundo a jornalista Tereza Cruvinel, na coluna *Panorama Político* do jornal **O Globo**, 12-11-03, “o que há de mais espantoso no veto do Presidente Lula ao projeto que inclui, no cálculo do Fundef, os alunos portadores de deficiências, atendidos por associações comunitárias e filantrópicas, é a justificativa do Ministério da Fazenda: contraria o interesse público e prejudica o ajuste fiscal. ‘O que, afinal, o governo entende como de interesse público? Será garantir o pagamento da dívida e atender à lógica do mercado?’ A pergunta é do senador petista Flávio Arns, que, no dia 11 de novembro, declarava-se envergonhado de pertencer à base do governo. Militante dos movimentos de defesa dos direitos dos deficientes há mais de 20 anos, estava literalmente chocado. Na Câmara, foi relator do projeto do deputado tucano Eduardo Barbosa (MG), outro guerreiro desta causa, que, no dia 11, estava revoltado, mas não exatamente surpreso”. Já na **Folha de S. Paulo**, 12-11-03, o senador pelo PT do Paraná, Flávio Arns, afirma: “Fico pensando como um Ministro da Fazenda pode levar uma bobagem dessas para o Presidente assinar”, disse Arns. “Qual é o interesse público do governo se não atender ao brasileiro marginalizado? É atender ao FMI?” O líder do governo, Aloizio Mercadante (PT-SP), demonstrou estranhar o veto. “Temos que corrigir [o veto], porque o reconhecimento da educação de pessoas portadoras de deficiências é muito importante do ponto de vista da cidadania”, disse.

Delfim Netto faz veemente defesa do governo Lula

Antonio Delfim Netto, Ministro da Fazenda e da Agricultura dos governos militares, um dos personagens do recente livro **A Ditadura Derrotada**, de Elio Gaspari, no artigo *Lamentável manifesto*, publicado dia 12-11-03, na **Folha de S. Paulo**, faz uma veemente defesa da política econômica do governo Lula. Para ele, “a eleição de Lula em 2002 não foi a eleição do PT arcaico, mas a de um novo PT, cujo programa (redigido inicialmente pelo então deputado Antonio Palocci) foi consagrado pelo futuro presidente na famosa ‘Carta aos Brasileiros’. Trata-se de um claro exemplo de como o acidente constrói a história. Tenho muito poucas dúvidas de que, se o programa eleitoral do PT de 2002 fosse o que parecia estar sendo gestado pela equipe do prefeito Celso Daniel, muito dificilmente a ‘esperança superasse o medo’. O oportunismo jacobino e o seu conforto espiritual foi fingir aceitar o ‘novo programa’ expresso na ‘Carta aos Brasileiros’. Lula não teria mudado: o ‘novo Lula’ era apenas para inglês ver... Quando chegasse ao poder, desenterraria, no campo da política econômica, os conceitos arqueológicos que têm, sistematicamente, orientado o inconsistente discurso jacobino. Na verdade, o ‘esquerdismo’ de Lula não mudou, como mostra o seu empenho com os programas sociais e a sua mobilização da sociedade para um desenvolvimento econômico mais equânime. O que mudou foi a sua percepção de que a arcaica política econômica de todos os ‘socialistas’, mesmo os mais sofisticados e com grande capacidade de sobrevivência (como Mitterand), levaria, mais dia, menos dia, ao mais trágico fracasso. A probabilidade de *crash* quase imediato é muito maior nos países como o Brasil, metido no mais cruel endividamento”.

O Vaticano busca encontrar a sua voz sobre os transgênicos

Com esta manchete, o jornal francês **Libération**, 12-11-03, noticia o encontro de quarenta especialistas do mundo todo, convidados pelo Vaticano, para estudarem as implicações econômicas, sanitárias e sociais dos Organismos Geneticamente Modificados – OGM. A finalidade desta reunião de dois dias é contribuir na preparação de um documento oficial da Igreja Católica sobre esta questão. “Trata-se de responder a uma exigência profunda e essencial da missão religiosa e moral da Igreja que consiste em iluminar, através da luz do Evangelho, o que concerne à promoção da pessoa humana e à afirmação da sua dignidade”,

explicou, na segunda-feira passada (dia 10), o Cardeal Renato Martino, presidente do Conselho pontifício para Justiça e Paz no início do colóquio intitulado 'OGM: ameaça ou esperança?' A reportagem cita o caso dos jesuítas do Zâmbia, conforme publicado no boletim **IHU On-Line**, sobre os transgênicos. Sempre segundo o **Libération**, no dia 11 de novembro, o jesuíta Roland Lesseps, citado na reportagem publicada pelo **IHU On-Line**, afirmou que os OGM "são totalmente contrários à doutrina social da Igreja" e a denunciou "um desequilíbrio total" entre os participantes do seminário (nenhum Bispo brasileiro foi convidado, pois um grupo de Bispos se pronunciara contra os OGM, em abril deste ano). Foi uma maneira velada de dizer que a reunião organizada em Roma tem o objetivo de legitimar uma eventual posição favorável do Vaticano aos OGM e não tanto aprofundar o debate. Partidário declarado dos OGM e membro da Academia das Ciências do Vaticano, Peter Raven, declarou na segunda-feira, dia 10, que "havia um grande leque de posições sobre os OGM no seio do Vaticano", e acrescentou: "É difícil dizer se se encontrará um acordo mas se constata uma tendência positiva no seio do Vaticano para colocar em evidência os benefícios das tecnologias transgênicas".

CLT - Mudança sem radicalismo

Aos 86 anos, Arnaldo Sússekind é o único sobrevivente da comissão responsável pelo projeto da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que entrou em vigor há exatos 60 anos: 10-11-1943, ainda no governo Getúlio Vargas. Ministro do Trabalho do primeiro presidente militar, general Castello Branco (1964-65), foi logo depois nomeado para o Tribunal Superior do Trabalho, onde atuou por dez anos. A partir de 1975, integrou conselhos e comissões da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Acaba de ser nomeado presidente de honra da Comissão Nacional de Direito e Relações do Trabalho, instituída pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, para estudar a revisão e a 'flexibilização' da CLT, que já passou por mais de 900 alterações nestes 60 anos. Como especialista de reputação mundial em Direito do Trabalho, Sússekind não gosta de falar sobre mudanças na CLT ou desregulamentação da legislação trabalhista sem situar o tema num contexto histórico - nacional e internacionalmente. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, reconhece que, em 1943, as condições geopolíticas do Brasil "aconselhavam um intervencionismo amplo nas relações de trabalho". Opõe-se, contudo, aos que defendem a desregulamentação radical do Direito do Trabalho. O *Jornal do Brasil*, 10-11-03, publica uma entrevista com ele.

Globalização e o Direito do Trabalho

"A globalização da economia acirrou a polêmica entre os defensores do Estado Social e os adeptos do Estado liberal que adotaram, obviamente, caminhos distintos a respeito da posição dos poderes públicos em face das relações de trabalho. Os neoliberais pregam a omissão do Estado, desregulamentando, tanto quanto possível, o Direito do Trabalho, para que as condições de emprego sejam ditadas basicamente pelas leis do mercado. Os defensores do Estado Social, com base sobretudo na doutrina social da Igreja, advogam a intervenção estatal nas relações de trabalho, na medida necessária à efetivação da justiça social" – afirma Arnaldo Sússekind na entrevista publicada pelo *Jornal do Brasil*, 10-11-03. Para ele, "os que pregam a desregulamentação do Direito do Trabalho, sob a alegação de que as normas legais engessaram a gestão empresarial, esquecem que o Brasil é um dos países que mais flexibilizaram o ordenamento legal".

D. Pedro Casaldáliga quer naturalizar-se brasileiro

Com o apoio e o empenho do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Bispo espanhol dom Pedro Casaldáliga está prestes a se naturalizar brasileiro, depois de 35 anos de atuação no Brasil,

onde enfrentou o regime militar, pistoleiros contratados por fazendeiros e lutou contra as desigualdades sociais. O pedido de naturalização já está no Ministério da Justiça. O chefe de gabinete de Lula, Gilberto Carvalho, amigo há décadas do Bispo, é o mais entusiasmado. Carvalho contou que a naturalização de Dom Pedro, que nasceu em Barcelona, tem todo o apoio de Lula. A notícia foi publicada no jornal **Diário de Pernambuco**, 9-11-03. Aos 75 anos, o Bispo de São Félix do Araguaia (MT) está se aposentando. Ele entregou ao Papa, em fevereiro, seu pedido de renúncia. Dom Pedro agradeceu o apoio do Governo à sua naturalização, mas aproveitou para fazer reivindicações: “Gostaria que o governo reconhecesse todos, os sem-terra, os índios, os sem-teto, os desempregados. Há uma massa que precisa da sua ajuda”.

Brasil e o FMI: um acordo usual

Analisando o acordo do Brasil com o FMI, anunciado na semana retrasada, o editorial da revista **Carta Capital**, 12-11-03, mostra que “politicamente o acordo deixou muito a desejar. Apesar dos grandes sacrifícios deste ano, o novo governo não conseguiu um acordo substancialmente melhor que o do ano passado e deixou a impressão de que há divergências ou falha de comunicação internas: no dia anterior, Lula, de Moçambique, afirmara que conduziria as negociações, e o acordo não seria fechado sem a sua presença”.

Uma outra informação para um outro mundo

Sob este título, o jornal francês **Libération**, de 13-11-03, publica, por ocasião do Fórum Social Europeu, iniciado dia 12 de novembro, em Paris, um longo e instigador dossiê sobre o que o **Le Monde Diplomatique** denominou, no editorial assinado por I. Ramonet, o ‘quinto poder’. Vale a pena conferir. O jornal anota que uma palavra de ordem do Fórum Social Europeu, estampada em camisetas e outros materiais é: *Don't hate the media, become the media* (‘Não odeiem a mídia, tornem-se a mídia’). O *slogan* é tomado do ex-líder dos Dead Kennedys’s, Jello Biafra. E que consegue federar especialmente IndyMedia, o sítio de informação presente em sessenta países. Por ocasião do Fórum Social Europeu, se consolidará o projeto de um Observatório francês da mídia. Armand Mattelart, professor da Universidade Paris VIII foi eleito o seu presidente. “O que Attac fez contra a mundialização liberal, o observatório fará contra os desastres provocados pelo sistema midiático”, afirma Bernard Cassen, diretor geral do **Le Monde Diplomatique** e presidente de honra da Attac.

Favelas: um crescimento de 156% em dois anos

Num país onde um em cada quatro municípios tem moradores vivendo em favelas ou em loteamentos clandestinos, 47% das prefeituras declaram não ter qualquer programa ou ação habitacional, de acordo com o ‘Perfil dos municípios brasileiros/2001’, divulgado no último dia 12 de novembro pelo IBGE. A pesquisa se baseou em informações repassadas pelas administrações municipais e registrou aumento de domicílios cadastrados em favelas: de 1999 para 2001, esse número passou de 921 mil para 2,36 milhões, um crescimento de 156%. Segundo as prefeituras, o País tem 16.433 favelas, mocambos, palafitas ou outras residências em precárias condições. A notícia está nos jornais de 13 de novembro. Aqui nos baseamos na notícia do jornal **O Globo**, 13-11-03. A secretária-executiva do Ministério das Cidades, Hermínia Maricato, também disse acreditar que deve haver mais pessoas morando em favelas do que o constatado na pesquisa. “O crescimento está certo, mas os números absolutos acredito que estão ainda subestimados”, afirmou Hermínia.

Favelização está associada à crise do transporte público

“A população que está fora do mercado imobiliário é muito grande. Apenas cerca de 16% das moradias produzidas no Brasil destinam-se a quem pode pagar. O resto se vira das mais variadas formas. A favelização se associa à crise do transporte público. A população busca moradia em áreas mais centrais. O sistema de transporte está cada vez mais caro e precário. É um dos serviços que mais sobe no Brasil, muito além da inflação”. A constatação é do coordenador do Observatório das Metrôpoles da UFRJ, Luiz César Queiroz de Ribeiro, em entrevista concedida ao jornal **O Globo**, 13-11-03. Segundo ele, muitas prefeituras, pressionadas pela população, buscam soluções locais principalmente para os problemas na área da habitação. Boas experiências têm surgido, mas não se sustentam. “As mudanças de prefeito acabam levando-as ao colapso”.

Descartada a auditoria da dívida externa

Os defensores da auditoria da dívida externa, que foi, durante anos, uma das principais bandeiras do Partido dos Trabalhadores (PT), receberam um balde de água fria do Ministro do Planejamento, Guido Mantega. “Não sei o que descobriríamos com essa auditoria”, disse o Ministro, em resposta a um questionamento da senadora Ana Júlia (PT-PA), durante reunião na Comissão de Infra-Estrutura do Senado. Ele explicou que o importante, em se tratando da administração da dívida pública, é conseguir taxas de juros baixas. “A dívida não está sendo paga, está sendo rolada”, disse o Ministro. A notícia é do jornal **Estado de Minas**, 12/11/03 e nos foi enviada pelo Setor Pastoral Social da CNBB.

Mais um ano de FMI

Com o título acima, o economista Paulo Nogueira Batista Jr, professor da FGV- São Paulo, reflete sobre o recente acordo do Brasil com o FMI, em artigo publicado pela **Agência Carta Maior**, 12-11-03. Para ele, “argumentos usados na defesa de um novo acordo com o FMI não são inteiramente convincentes, e ainda não se sabe que preço o Brasil pagará por mais um ano de dependência. É realmente necessário um novo acordo com o FMI?” E o economista continua perguntando: “Que preço o Brasil pagará por mais um ano de FMI? Não sabemos ao certo, pois a íntegra do acordo não foi divulgada, apenas alguns dos principais pontos. Além disso, esses entendimentos podem envolver aspectos não escritos. Como será tratada, por exemplo, a polêmica questão da autonomia do Banco Central? Haverá referências, na nova carta de intenções, às negociações comerciais de que participa o País? O governo dos EUA tentará se valer do FMI como instrumento para ‘flexibilizar’ a posição brasileira na Alca?”

A meta de política fiscal foi mantida

Paulo Nogueira Batista Jr constata que “um aspecto central que já foi divulgado é a meta de política fiscal, o famoso superávit primário. Manteve-se para 2004 o piso anterior, de 4,25% do PIB, incorporando uma pequena flexibilização, pouco relevante do ponto de vista macroeconômico, para acomodar investimentos na área de saneamento básico. Por que não negociaram uma redução desse piso para algo como 3,75% do PIB? Esse valor constava do acordo assinado por Pedro Malan, para vigorar em 2003, e foi depois aumentado para 4,25% do PIB, já na gestão Palocci. Uma redução dessa ordem na meta para o superávit primário teria sido muito bem-vinda. Primeiro, porque injetaria algum estímulo numa economia combatida; segundo, porque permitiria aliviar o arrocho a que estão submetidas, com grave prejuízo para seu funcionamento, diversas áreas da administração pública. Tudo indica, entretanto, que a equipe econômica nem tentou. Já antes do início das tratativas com o FMI, o governo brasileiro resolveu oficializar a prorrogação da meta de 4,25% do PIB para o superávit primário”.

Uma tecnocracia apátrida

Na conclusão do artigo, o economista é contundente: “Nem se pode culpar o Fundo, portanto. Os principais integrantes da equipe do Ministro Palocci estão, quase todos, em perfeita sintonia com os economistas do FMI. Estudaram no mesmo tipo de universidade, geralmente nos EUA. Seguem as mesmas teorias e doutrinas de política econômica. Suas trajetórias profissionais são semelhantes. Têm os mesmos preconceitos e preferências políticas. É a mesma confraria, enfim. De Gaulle tinha uma boa expressão para caracterizar esse tipo de gente – ‘tecnocracia apátrida’. E considerava risível a sua pretensão de dar instruções aos governos eleitos da Europa. Risível na Europa. No Brasil, não. Por aqui, continuamos submetidos a economistas e financistas que administram o País com um olho (ou dois) nas reações de Washington e dos mercados financeiros internacionais”.

Um jesuíta entre os orixás

Com este título, a revista semanal italiana **Adista**, 1-11-03, publica uma entrevista com Alfredo Souza Dorea, jesuíta baiano, falando de catolicismo e candomblé. Para Alfredo, “não se pode falar do Candomblé, mas dos Candomblés, porque existem tradições diferentes. A pureza é relativa, já que no Candomblé existe também a figura do Caboclo, que é uma entidade indígena, não africana. Não existe, portanto, um candomblé puro da África. Há um grupo que rejeita o sincretismo religioso que leva a associar os ancestrais aos santos: um fenômeno próprio do Candomblé no Brasil, nascido da necessidade dos escravos de manterem viva a sua religião, camuflando o culto dos orixás atrás dos santos católicos. Uma operação graças à qual o Candomblé pôde sobreviver até hoje. Eu não pertencço a este culto, ainda que o respeite muitíssimo. Mas conheço mães de santo, entre as mais estimadas da Bahia, que insistem em aproximar os orixás aos santos. São sobretudo os intelectuais que afirmam a sua total autonomia do cristianismo nos seus estudos. Eu acho correto. Trata-se de uma leitura histórica: se, num momento histórico, o Candomblé se identificou com a religião dos colonizadores para sobreviver, hoje não há mais necessidade desta identificação. Sou aberto a este discurso. Creio que o Candomblé se afirmou plenamente como religião e não tem mais necessidade de fazer referência a esta ou aquela religião. E creio que deve ser a comunidade, na sua própria dinâmica, que deve reconhecê-lo, sem a interferência de intelectuais ou sacerdotes, porque isso seria uma outra forma de neocolonialismo. Eu, por exemplo, não celebro missa no Candomblé, apesar de ser convidado muito para isso. Mas em 80% das casas de Candomblé, no Brasil, a iniciação só pode ser recebida por quem foi batizado na Igreja Católica. No terreiro mais antigo da Bahia, Casa Branca, todas as festas começam com a celebração da missa matutina. A mais famosa mãe de santo do Brasil, já falecida, Menininha do Gantois, quando foi perguntada sobre a sua religião, se apresentou como católica. E uma outra famosa mãe de santo, Mãe Estela do Ilé Axé Opó Afonjá, está entre as mães de santo que mais distinguem o Candomblé do cristianismo, mas isso não a impede de participar da missa e de agradecer ao Deus de Jesus pela sua vida. Além disso, no Candomblé, não existe uma hierarquia. A mãe de santo, ou o pai de santo, tem poder no seu terreiro, mas não pode determinar a norma para todos os outros”.

João Paulo II. Um governo carismático

Um Papa desesperado?

Marco Politti, um dos mais prestigiosos vaticanistas italianos, no jornal **La Repubblica**, 12-11-03, publica uma resenha do livro, recém-lançado, de Andrea Riccardi, sobre os vinte e cinco

anos do pontificado de João Paulo II. Andrea Riccardi é fundador da Comunidade Santo Egídio, com sede em Roma, e reconhecida internacionalmente por suas intervenções humanitárias em várias partes do mundo. Para os leitores do IHU On-Line ele é um nome conhecido. Colabora, no livro, também o jornalista Eugenio Scalfari, já fundador do jornal *La Repubblica*. Um cardeal e um sociólogo discutem, igualmente, o pontificado de João Paulo II. Apresentamos, a seguir, em nossa tradução, o comentário de Marco Politti, quase na íntegra. “Um papa onipresente, capaz de mudar de linguagem e mensagem segundo os diferentes segmentos da sociedade que encontra, hábil no jogar com as aparentes incoerências, como a de deixar que o rock entre nas cerimônias enquanto os documentos vaticanos o excluem, firme no esforço de se identificar com os pedaços de catolicidade que visitou nos cinco continentes para que eles se identifiquem com ele ‘que representa a todos’. Mas um Papa talvez desesperado. Eugenio Scalfari lança o desafio desta pergunta na apresentação do livro de Andrea Riccardi sobre o pontificado de João Paulo II. Governo carismático se chama o volume editado pela Mondadori e cujo título colhe a característica essencial do reino de vinte cinco anos de Karol Wojtyla, que guiou a Igreja na passagem para o terceiro milênio com um estilo personalíssimo: não ‘governando’, mas indicando o caminho com as viagens, os gestos, o ensinamento, a liturgia. “Primeiro Papa verdadeiramente mundial”, analisa Walter Veltroni, que, juntamente com o Cardeal Achille Silvestrini e o sociólogo Giuseppe De Rita, participa da discussão do livro. “Papa do mundo globalizado, mas próximo dos homens”, acrescenta o prefeito de Roma. Trata-se de um papa inimitável e por isso no próximo conclave ninguém vai querer nem pensar de escolher um clone do pontífice polaco. Não por acaso, um dos capítulos mais agudos do livro é dedicado ao “Eu (que) entra no papado”. Com João Paulo II, escreve Riccardi, “o eu do Papa sobe à cátedra de Pedro. E é um eu que, para ele, a providência quis colocar naquela posição”. Por isso a Wojtyla não interessam programas abstratos ou reformas da máquina curial, mas a experiência concreta de crente – a própria – em confronto com Deus, a história da humanidade e da Igreja, no encontro direto com homens e mulheres de outra fé e de outros credos. E é deste ‘eu’ que Scalfari propõe um balanço. “Se é verdade – afirma – que, no momento da eleição de Wojtyla, o sentimento religioso era agonizante, as vocações caíam, a mundanização do crer estava no apogeu, então este Papa deve estar desesperado, pois nenhum problema foi resolvido e, no momento do conclave, as lanças se voltarão para aquele 16 de outubro de 1978”. Giuseppe De Rita descreve um retrato não convencional daquilo que o Papa ‘não foi’. Wojtyla não teve uma estratégia de reorganizar a Igreja, mas, com as suas viagens, ele remexeu as relações entre centro e periferia do catolicismo. Não elaborou um programa, mas centrou tudo sobre a presença da Igreja. Não se confrontou, verdadeiramente, com o pensamento contemporâneo, mas jogou “sobre a relação um tanto quanto soberba entre a sua história e a história do mundo”, com uma presença fascinante e uma rapidez que constitui o seu carisma. Para o cardeal Achille Silvestrini, “os ponteiros do relógio não voltarão atrás. Um dia, deveremos defendê-lo! Pela sua recusa da guerra como instrumento para resolver os problemas internacionais. Pelos seus pedidos de perdão, que até na Igreja não foram pacíficos. Pela sua relação com os hebreus e o compromisso para que cristãos e seguidores de outras religiões construam juntos um mundo de paz”. Um sinal para ser meditado”.

Brasil muda de tom nas negociações com os EUA

Um artigo assinado pelo jornalista Kennedy Alencar, publicado na *Folha de S. Paulo*, 12-11-03, comenta a mudança de tom do Brasil nas negociações com os EUA no que se refere à Alca. A mudança é mais uma vitória dentro do governo Lula do grupo liderado pelo Ministro da Fazenda, Antonio Palocci, Furlan e Rodrigues, ministros, respectivamente, do Desenvolvimento e da Agricultura. Segundo o jornalista, “a visão mais conciliadora, que explica o recuo do Brasil

na retórica agressiva em relação à Alca (Área de Livre Comércio das Américas) em benefício do pragmatismo comercial, foi resultado de uma articulação capitaneada nos bastidores pelo Ministro Antonio Palocci Filho (Fazenda). O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que amanhã reúne parte do seu Ministério para discutir as negociações da Alca, determinou ao Itamaraty, no início do mês passado, um ajuste no tom e nos procedimentos nas negociações no âmbito da Alca. Objetivo: dar mais voz a Palocci e aos Ministros Luiz Fernando Furlan (Desenvolvimento) e Roberto Rodrigues (Agricultura) na formulação da estratégia de negociação, mantendo-a sob o comando do Itamaraty. Isso aconteceu porque Palocci, Furlan e Rodrigues reagiram contra o que chamaram de visão ideológica de setores do Itamaraty, que, na época, insistia na discussão das barreiras não-tarifárias dos Estados Unidos na área agrícola. Hoje, o Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, admite deixar esse tema fora da Alca, desde que haja concessão para maior acesso do Brasil ao mercado norte-americano. Na visão de Palocci, Rodrigues e Furlan, o tom extremamente duro que vinha sendo adotado pelo Itamaraty levaria a um isolamento desnecessário do Brasil. Esses três ministros argumentaram com Lula que um acerto pragmático, que permitisse maior acesso ao mercado dos Estados Unidos, seria vantajoso. Portanto insistir numa tentativa de inviabilizar a área de livre comércio, com discursos como 'Sem o Brasil, não existe Alca', levaria a uma dura retaliação contra a gestão Lula. Ou seja, seria desvantajoso política e economicamente”.

'Alca americana' não é um acordo de livre comércio

“A Alca, tal como forjada na usina de Washington, não é um acordo de livre comércio. O modelo da 'Alca americana' é o Nafta, mas sem as medidas de acesso a mercados deste. O que sobra é uma carta de direitos extraordinários das corporações americanas. Por que o Itamaraty se curva diante disso, quando a administração Bush entra no seu crepúsculo e há perspectivas reais de uma troca de comando na Casa Branca?” Esta é a pergunta feita por Demétrio Magnoli, doutor em geografia humana, é editor do jornal *Mundo - Geografia e Política Internacional* e pesquisador do Nadd-USP em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 12-11-03. Segundo a análise do geógrafo, “havia meses, o Brasil propunha adiar o prazo final da Alca para 2007, a fim de obter avanços prévios no tema agrícola na OMC. Lula foi a Washington e firmou um documento de capitulação, comprometendo-se com o prazo de 2005. Em seguida, o chanceler Celso Amorim garantiu que, diante do veto americano a negociações de subsídios e regras antidumping na Alca, o Brasil retirava da mesa os temas de serviços, investimentos, patentes e compras governamentais. Agora, o Itamaraty ultrapassa essa fronteira, torcendo para que o protecionismo extremado americano, em ano eleitoral, forneça uma janela de escape”.

Assassinatos no campo em 2003 superam o ano de 2002

Balanço divulgado dia 13 de novembro pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário indica que houve, entre janeiro e outubro, 32 assassinatos decorrentes de conflitos agrários no País. O número supera em 60% os casos de todo o ano de 2002 (20). Em relação a 2000 (10) e 2001 (14), o avanço é de 220% e 128%, respectivamente. Outras 25 mortes ocorridas no campo nos dez primeiros meses deste ano, mas que ainda estão sob investigação policial, poderão ser somadas aos 32 casos já confirmados pela pasta. A Ouvidoria Agrária Nacional, órgão do Ministério responsável pelo levantamento, somente considera os casos nos quais exista um boletim de ocorrência que aponte o conflito agrário como motivador da morte. A notícia foi publicada na *Folha de S. Paulo*, 12-11-03.

Economista da Sorbonne fala de globalização predatória

Acaba de ser publicado, no Brasil, o livro **Elogio da globalização. Por um contestador assumido**, de René Passet, que é economista especializado em desenvolvimento, professor na Universidade Paris-1-Panthéon-Sorbonne e presidente do Conselho Científico da ATTAC. Publicou, entre outras obras, **A ilusão neoliberal, L'économique et le vivant**, premiada pela Académie des Sciences Morales et Politiques e **Une économie de rêve**. O **IHU On-Line** traduziu e publicou no número da semana passada um artigo deste autor que vale a pena conferir. O livro que acaba de ser traduzido para o português é da Editora Record. Neste livro, René Passet descreve os objetivos da 'globalização predatória', que oferece o Planeta à avidez da vigorosa ciranda financeira mundial. E coloca em evidência as conseqüências catastróficas deste processo para a população de países pobres e ricos. Desmistifica as ações dos que insistem em abrir o mundo aos assaltos de ambição disfarçados de arautos da modernidade. Passet expõe, ainda, os princípios de uma verdadeira globalização e analisa o 'mundialismo', que a colocaria a serviço da comunidade humana. Um livro que auxilia na compreensão e no combate aos novos tempos e que demonstra como a ação possibilita a construção de uma outra sociedade. Passet indaga por que nós devemos pensar e agir de outra forma, e analisa em que sentido o computador e a informática constituem uma revolução cultural ainda mais importante que a da máquina a vapor. Elogio da Globalização ilumina questões centrais das transformações do nosso tempo, conectando-as às suas ramificações econômicas, sociais, ambientais e humanas. René Passet, como pode constatar quem leu o seu artigo publicado no **IHU On-Line** da semana passada, defende a idéia de que é preciso uma nova interpretação do mundo contemporâneo, uma análise multidisciplinar, que tenha condições de destacar a realidade vivida pela maioria dos países do mundo.

A ditadura derrotada. A barbárie está à espreita

Mário Sérgio Conti, jornalista, comentando o livro **A ditadura derrotada** de Elio Gaspari, recém-publicado, escreve, na página **No Mínimo**, 12-11-03: "A barbárie está à espreita. Ela não tem aparência monstruosa. É corriqueira. Esteve presente nos porões e nas salas dos militares esclarecidos que comandavam o regime e queriam reformá-lo. Essas me parecem ser as verdades últimas de **A ditadura derrotada**, um livro fundamental para entendermos o que é o triste Brasil, quem fomos e somos".

Redução da jornada de trabalho e o desemprego

No encerramento do Fórum Social Brasileiro, realizado em Belo Horizonte, na semana retrasada, a CUT iniciou oficialmente a construção da campanha pela redução da jornada de trabalho sem redução do salário, prevista para ser lançada nacionalmente no início de 2004. A notícia é do jornal **Valor Econômico**, 10-11-03. Num seminário com lideranças sindicais, o sociólogo Cássio Calvete, técnico do Dieese, argumentou que o momento é propício para o lançamento da campanha, já que o atual governo é 'teoricamente' favorável à redução. Nos cálculos do sociólogo, para gerar os 10 milhões de novos empregos prometidos por Lula, durante a campanha eleitoral, seriam necessários R\$ 14 trilhões. A estimativa tem por base os números do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, indicando que são gastos, em média, R\$ 10 milhões para criar 500 mil empregos. Para o técnico do Dieese, a redução da jornada seria uma alternativa mais barata de criação de emprego. Os técnicos do Dieese acreditam que uma redução de 10% na jornada de trabalho, resultaria num crescimento de mais de 2% no número de postos de trabalho.

'Tudo começou em Porto Alegre'

Bernardo Cassen se interroga sobre o sucesso dos fóruns sociais

Bernardo Cassen, jornalista, diretor do *Le Monde Diplomatique*, co-fundador da Attac, acaba de lançar um livro, com o título acima, pela Editora Mille e Une Nuits, com 220 páginas. Uma resenha do livro foi publicada pelo jornal francês *Libération*, 10-11-03. “Se os fóruns sociais, que eclodiram a partir de Porto Alegre, em 2001, são um sucesso crescente, não é inútil se interrogar, hoje, sobre as forças que atuam neste processo”. Assim começa a resenha. Segundo ela, “tudo começou em Porto Alegre graças a uma idéia surgida de uma discussão do autor, jornalista e fundador da Attac, com dois brasileiros, membros do PT – partido de Lula – sendo um próximo do episcopado e o outro um antigo industrial de brinquedos”. Trata-se, respectivamente, de Francisco Whitaker e Oded Grajew, que acaba de se demitir do governo Lula. Conforme a resenha, “não se tratava, inicialmente, de um ‘antiDavos’. Mas tudo se complicou na medida em que a iniciativa tomou forma e se foi engajando uma pluralidade de organizações e de personalidades, nem todas nascidas da última geração política. Mesmo que eles não encarnem sozinhos o que se convencionou chamar de extrema esquerda, os trotskistas são, evidentemente, muito ativos em toda a história e Bernard Cassen descreve muito bem o seu modo de agir”. A resenha conclui afirmando que “o mérito do livro é de ter levantado a ponta do véu sobre os debates que até aqui eram reservados aos cenáculos da militância alter globalista”.

‘Antes que o amor acabe’

Uma política alternativa

Raniero La Valle, conhecido intelectual italiano, acaba de publicar um livro que faz sucesso na Itália: *Antes que o amor acabe. Testemunhos para uma outra história possível*. Em entrevista para a revista semanal italiana *Adista*, 18-10-03, Raniero La Valle é contundente: “Não se pode fazer verdadeira política, e menos ainda política de esquerda, se não se consegue fazer uma rigorosa análise da realidade que tenha respiro mundial, que saiba ver para além das contradições internas das comunidades nacionais. Hoje é o próprio mundo que está em jogo, na sua totalidade, e é necessário compreender que, neste cenário, a parte dos aprendizes de feiticeiro, dos dominadores, dos apocalípticos é representada pelo Ocidente, com o seu poder e as suas armas. É deste dado que devemos partir, nós da esquerda, para uma análise séria. E se a esquerda não consegue tomar posição sobre este ponto, não será possível que assuma qualquer política verdadeiramente alternativa à atual, que tente seriamente afrontar e resolver os problemas globais. O mundo está andando para o suicídio e a catástrofe. Somos nós, como Ocidente, que estamos jogando o mundo nesta situação e, se não pararmos esta corrida louca, nos tornaremos, inevitavelmente, cúmplices desta ruína”.

Frases da semana

“Não conhecíamos o país!”

“Nossa geração de 1968 queria assaltar os céus e bastava ter assaltado o Brasil. Nós não conhecíamos o país.” – José Dirceu, chefe da Casa Civil – *O Globo*, 10-11-03.

Esquerda e direita

“A verdadeira divisão entre a esquerda e a direita se dá na questão da justiça social. Eu continuo a acreditar que podemos mudar a sociedade em função deste objetivo.”- Marcel Gauchet, importante intelectual francês, autor do livro *Le Désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion* (1985), no livro recém-publicado *La Condition Historique – Libération*, 7-11-03.

“O indivíduo privado, hoje, se define pela sua não relação fundamental com a sociedade. A política lhe interessa na medida em que ela lhe oferece uma cena para a sua singularidade identitária.” – Marcel Gauchet, intelectual francês, autor do importante livro **Le Désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion** (1985) – *Libération*, 7-11-03.

O acordo com o FMI

“Fica no ar a indagação: o FMI não fará novas exigências? O acordo não continua a breca o crescimento econômico? Nos campos simbólico e político, o acordo com o FMI toca numa questão emblemática para o PT e gera um constrangimento que exige uma ginástica de discurso razoavelmente grande para o convencimento.” – Chico Alencar, deputado federal – PT-RJ – *Valor Econômico*, 7-11-03.

“O que são R\$ 8 milhões diante dos R\$ 580 milhões reservados às viagens de membros do governo? O que representam diante dos R\$ 154 bilhões que o País pagará de juros este ano?” – Flávio Arns, senador, PT-PR, sobre o veto do governo Lula ao benefício para alunos deficientes – *O Globo*, 12-11-03.

Paz

“Não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões.” – Hans Küng, teólogo – *El País*, 12-11-03.

EVENTOS IHU

O LUGAR DA TEOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO SÉCULO XXI PROGRAMAÇÃO DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL

Parte da programação do **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, promovido pela Unisinos, de 24 a 27 de maio de 2004, foi definida na edição da semana passada. Hoje continuamos a apresentar aos leitores de **IHU On-Line** a segunda parte da programação, com as oficinas que serão oferecidas aos participantes do evento. Na próxima edição, divulgaremos os minicursos. Para saber mais sobre como participar do Simpósio, basta escrever para humanitas@poa.unisinos.br

Dia 25 de maio – terça-feira

Das 14h30min às 16h30min – Oficinas

1. A teologia feminista no início do século XXI. Desafios e perspectivas – Profª Drª Edla Eggert – Professora na Unisinos
2. Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica – Prof. Dr. José Roque Junges – Professor na Unisinos
3. Teologia e o diálogo inter-religioso – Profª Drª Cleusa Maria Andreatta – Professora na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana –Estef
4. Os desafios da ciência da comunicação para o fazer teológico no século XXI – Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes – Professor na Unisinos

5. A teologia e a origem da universidade – Prof. Dr. Martin Dreher – Professor na Unisinos
6. O pensamento de Karl Rahner. Inspirações para uma teologia do século XXI – Prof. Dr. Erico Hammes – Professor na PUC-RS

Dia 26 de maio – quarta-feira

Das 14h30min às 16h30min – Oficinas

1. A escatologia cristã. A teologia cristã no confronto com a ciência moderna – Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – Professor na PUC-RS
2. O lugar da teologia na universidade do século XXI, a partir de W. Pannenberg – Prof. Dr. Manfred Zeuch – Professor na ULBRA
3. As mulheres seguidoras de Jesus – as mulheres nos sinóticos – Prof^a Dr^a Lúcia Weiler – Professora na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - Estef
4. O lugar da teologia na sociedade pós-moderna. Uma leitura a partir de Gianni Vattimo e Adela Cortina – Prof. Dr. Inácio Neutzling – Professor na Unisinos
5. Teologia e literatura. Uma leitura teológica do Grande Sertão Veredas, de João Guimarães Rosa – Prof^a Dr^a Cleide Cristina Scartelli Rohden – Professora na Unisinos e Prof. MS Rogério Mosimann da Silva – Professor na UCPel

Dia 27 de maio – quinta-feira

Das 14h30min às 16h30min – Oficinas

1. Teologia e espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do movimento ecológico e feminista – Prof^a Dr^a Maria Clara Bingemer - Coordenadora do Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio
2. O Jesus histórico e o paradigma pós-moderno – Prof. Dr. Antonio Reges Brasil – Professor na UCPel
3. Hermenêutica e teologia no século XXI – Prof. Dr. Johan Konings – Professor no Instituto Santo Inácio - MG
4. Os desafios da filosofia contemporânea para a teologia na universidade do século XXI – Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino – Professor na Unisinos
5. Mudança cultural, sexualidade humana e a teologia – Prof^a Dr^a Valburga Schmiedt Streck – Professora na Unisinos

HISTÓRIAS DE OUVINTES EM SALA DE LEITURA

A última edição do evento **Sala de Leitura**, realizada dia 11 de novembro de 2003, o professor MS Jairo Grisa, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, apresentou o livro de sua autoria **Histórias de ouvintes: a audiência popular no rádio**. Itajaí: Univali, 2003, abordando a relação entre a Rádio Farroupilha AM, o apresentador Sérgio Zambiasi e as nove mulheres ouvintes, objeto da pesquisa que originou a obra.

Ecos do Evento

“A apresentação foi bastante válida, porque esse trabalho do Jairo é realmente importante para a área da comunicação. Ele preenche uma lacuna que temos de estudo sobre rádio, seguido de estudos sobre rádio pela ótica da recepção. A corrente das pesquisas, nos últimos 20 anos, enfatiza a televisão e esquece do rádio como meio de inserção e repercussão social. Além disso, a pesquisa do Jairo é bastante útil para os pesquisadores de comunicação pelo esforço metodológico em que ele se apropria da história oral, de vida das pessoas envolvidas, e propõe

uma técnica, que pode ser aplicada mais diretamente para pesquisa de rádio, de biografias radiofônicas. O aspecto rico no trabalho dele é o olhar qualitativo. Ele se centra na antropologia, com olhar antropológico, trazendo-nos, para pensar, produtos da comunicação. Com essa pesquisa, é possível flagrar a intercessão da cultura e da comunicação. O evento *Sala de Leitura* serve para que se possa discutir o trabalho da casa. É um convite feito à comunidade acadêmica para participar da discussão proposta e para que possamos nos conhecer informalmente”.

Prof. Dr. Fabrício Silveira, professor do Centro de Ciências em Comunicação da Unisinos.

“Foi a primeira vez que vim ao evento *Sala de Leitura*. Ele proporciona um relacionamento entre autores e leitores. Sempre que as temáticas forem de meu interesse, com certeza, estarei presente. O livro do Jairo trata de uma temática que eu analisei no meu Trabalho de Conclusão, que é a mídia sob a visão do receptor. O professor Jairo analisa, em sua obra, a comunicação a partir do sujeito, o que nos fez discutir várias temáticas. Com uma apresentação bastante didática, ele explorou todas as etapas da pesquisa, desde os primeiros contatos e as entrevistas, até a interpretação dos resultados, explicando o processo para construir a categorização. A teoria da recepção tem grande contribuição para a América Latina, que tem um receptor aberto ao diálogo, diferente dos europeus, que são mais frios. Aqui a perspectiva analisada é mais sob o aspecto qualitativo”.

Paulo Roberto Fernandes, jornalista formado pela Unisinos em julho deste ano.

LULA PRESIDENTE: TELEVISÃO E POLÍTICA

Os interessados na temática da influência da mídia nas campanhas eleitorais podem comparecer na próxima edição de ***Sala de Leitura***, que acontecerá dia 25 de novembro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Na ocasião, o professor Dr. Antônio Fausto Neto, do PPG em Comunicação da Unisinos, fará a apresentação do livro ***Lula Presidente: televisão e política na campanha eleitoral***, de sua autoria e de Eliseu Verón e Antônio Albino Rubim, sendo os dois primeiros os organizadores da obra. O evento ***Sala de Leitura*** tem por objetivo divulgar e apresentar livros escritos pela comunidade interna da Unisinos. Ao final do evento, água e vinho são oferecidos aos participantes.

CINEMA DEBATIDO NO IHU IDÉIAS

A Prof^ª. Dr^ª. Miriam de Souza Rossini, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, apresentou o tema *Olhares sobre o Brasil a partir do cinema nacional*, na última edição do evento ***IHU Idéias***, que aconteceu dia 13 de novembro. Sua explanação foi com base no projeto de pesquisa que vem desenvolvendo e no trabalho realizado na área do cinema até o momento. A professora fez uma retrospectiva do cinema brasileiro, analisando a visão do país, do povo, do espaço e da cultura passada nos filmes produzidos, que acabam sendo subsídio para a construção de uma identidade nacional.

Ecoss do Evento

“Foi muito interessante. A professora Miriam aborda outras possibilidades, outros olhares frente aos filmes, que tentam passar um olhar apenas, sem perceber que outros estão se constituindo, construindo assim identidades”.

Fátima Hartmann, pedagoga formada pela Unisinos.

“A palestra foi muito boa. A pesquisa da Miriam é instigante e sua explanação mostra o envolvimento e o domínio que ela tem sobre o tema. Eu trabalho a questão do cinema no campo da educação e achei interessante a abordagem da professora. A comunicação nos ensina essa questão da câmera, dos lances de ler o enquadramento no vídeo como discurso”.

Maria Cláudia Dal Igna, mestranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

IHU Idéias é evento gratuito e acontece na sala 1G119, das 17h30min às 19h. Ao final, água, café e suco de laranja são oferecidos aos participantes.

FUTEBOL, MÍDIA E CULTURA NO BRASIL

Dia 20 de novembro, **IHU Idéias** trará à tona o debate Futebol, Mídia e Cultura no Brasil, a cargo do Prof. Dr. Edison Luis Gastaldo, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. Edison é graduado em Publicidade e Propaganda, é mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a dissertação *Kickboxers: esportes de combate e identidade masculina*, é doutor em Múltiplos pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sendo o título de sua tese **A Nação e o Anúncio - a representação do 'brasileiro' na publicidade da Copa do Mundo**. *Cursou o pós-doutorado na University of Manchester, na Inglaterra. Gastaldo é autor de **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. São Paulo: AnnaBlume, 2002; e organizador, ao lado do professor Sérgio Endler, do livro **Verso e Reverso Especial: Futebol Mídia e Sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2002. Confira a seguir a entrevista que o professor concedeu ao **IHU On-Line** na última semana, comentando aspectos do tema que será tratado dia 20.*

IHU On-Line- Qual é sua tese fundamental ao relacionar futebol, mídia e cultura no Brasil?

Edison Gastaldo- Parto do princípio de que o futebol é um fato social de extraordinária importância na cultura brasileira contemporânea. Muito do que pensamos e sentimos a respeito do nosso País pode ser visto a partir da perspectiva de um jogo de futebol. Roberto da Matta já assinalou, há mais de 20 anos, a profunda dimensão simbólica relacionada ao jogo de futebol no Brasil. Ali se dramatizam questões centrais da cultura brasileira, como a malandragem, a relação tensa das pessoas comuns com os poderes constituídos - no caso, o árbitro e seus auxiliares, invariavelmente vaiados e suspeitos a priori - o apelo ao sobrenatural, os códigos tácitos da masculinidade, etc. A mídia entra nesta já complexa relação como um fator de potencialização e legitimação destes aspectos: boa parte da mítica do "país do futebol" vem da participação de um time de futebol especial, a "seleção brasileira" em um torneio de futebol especial, a "Copa do Mundo". Ora, salvo a inesquecível Copa de 1950 (por mais que tentemos,

não conseguimos esquecer-la), tudo o que se sabe, viu ou ouviu acerca da seleção brasileira nas Copas do Mundo foi visto e/ou ouvido em transmissões midiáticas. Para se ter uma idéia da dimensão social deste fenômeno: a audiência média de um jogo do Brasil na Copa do Mundo é da ordem de 95% dos televisores ligados, um total estimado em mais de 102 milhões de telespectadores – sem contar os ouvintes de rádio. O futebol também é muito importante como prática "na primeira pessoa", em campinhos, praias e quadras pelo Brasil, mas sua dimensão social de maior magnitude está na sua condição de produto midiático. Basta pensar nos torcedores presentes no estádio, com seus radinhos de pilha, "narrando" os eventos que os próprios torcedores estão vendo diante de seus olhos, ou mesmo, a quantidade de papel e tinta dedicados ao futebol nos jornais todos os dias.

IHU On-Line- Qual é a imagem do ser brasileiro que se veiculou na mídia nas últimas duas copas? Como o Sr. realizou esse estudo?

Edison Gastaldo- Minha tese de doutoramento analisou as representações do brasileiro nos anúncios publicitários veiculados durante a Copa de 1998. Naquele período, coletei 415 anúncios publicados em jornais, revistas e televisão. Elaborei um banco de dados evidenciando o que denominei "padrões representacionais", modos particularmente recorrentes de representar o Brasil e os brasileiros. É claro que estas apropriações simbólicas da nacionalidade têm diversos matizes, mas podemos falar de uma "representação dominante" nos anúncios da Copa, que essencializa o 'ser brasileiro' em termos de sua competência absoluta para o futebol, do entendimento desta competência como "dádiva da natureza", da consideração da seleção brasileira como metonímia da nação e de uma redução geral do Brasil a "país do futebol", manifesto no número repetido à exaustão: "170 milhões". Ora, os dados de audiência apontam para algo em torno de 110 milhões de pessoas. É sem dúvida um número extraordinário, mas deixa 60 milhões de brasileiros "de fora". Como eu disse antes, o futebol é realmente um fato social de enorme importância no Brasil, mas não em um grau absoluto. Se o Brasil é o país do futebol, é bom lembrar que ele também é o país do carnaval, do jogo do bicho, da dengue, do arrastão e do seqüestro-relâmpago. Reduzi-lo a qualquer destas dimensões seria equivocado.

IHU On-Line- Como se dão, nas imagens da Copa, as relações de gênero, raciais, sociais no geral?

Edison Gastaldo- O discurso publicitário, por sua própria natureza de parceiro do capital, é um discurso politicamente conservador. Em primeiro lugar, ele defende a lógica do modo de produção capitalista, glamourizando o consumo das mercadorias produzidas neste sistema. Em segundo lugar, dentro do escasso tempo/espço disponível ao anunciante, é muito mais eficiente reiterar o que já é do conhecimento do "público-alvo" do que propor mudanças de atitude, de consciência, etc. Assim, como tendência geral -obviamente há exceções - o discurso publicitário, ao representar relações entre grupos sociais em condições desiguais de poder, tende a refletir o ponto de vista dominante, ou hegemônico, colaborando, assim, na "naturalização" de relações de poder que são resultado de um processo histórico. Um exemplo: na Copa de 1998, em 415 anúncios, não existe um único caso de pessoa negra representada dentro de uma casa. Os atores negros aparecem nas ruas, nos bares, nas arquibancadas ou dentro de campo, jogando futebol maravilhosamente, mas na torcida dentro de casa, só brancos. O mesmo vale para as mulheres: nos anúncios publicitários deste período, seu papel é, salvo raras exceções, um papel subalterno, pano de fundo, moldura. O papel de protagonista, o direito à palavra, à luz e ao foco é via de regra do homem - branco, é claro.

IHU On-Line- Como se dão, nas imagens da Copa, as relações "nós" e os "outros"?

Edison Gastaldo- Neste ponto, a representação do Brasil e dos brasileiros, na publicidade, é altamente hierárquica: no mundo dos anúncios, os brasileiros invariavelmente humilham seus adversários - quaisquer que sejam - com dribles desconcertantes e goleadas inumeráveis. Pode-se dizer que, para com os estrangeiros, "nós" somos os malandros, "eles" são os otários. Ao mesmo tempo, é bastante freqüente uma outra representação do brasileiro, derivada da temática do "homem cordial" proposta por Sérgio Buarque de Holanda. O "brasileiro no exterior", representado nos anúncios, é basicamente um conquistador de corações, com sua alegria, música, dança e simpatia, "encompassando" os "nativos" - sejam americanos, franceses ou coreanos - no ritmo do samba. Curiosamente, esses dois motivos aparecem sintetizados em torno de símbolos de uma conquista militar: o hasteamento de bandeiras e o uso de cores nacionais nos monumentos alheios. Assim, em tempos de Copa, o brasileiro do mundo dos anúncios pode ser pensado como um conquistador: de títulos, de territórios e de corações.

IHU On-Line- O Sr. encontra diferenças na representação do brasileiro da copa de 1998 e de 2002?

Edison Gastaldo- Sem dúvida houve diferenças. Normalmente, a seleção brasileira embarca para a Copa do Mundo sob a desconfiança generalizada dos torcedores e da crônica esportiva. Na Copa de 1998, o Brasil não sofreu o desgaste decorrente das eliminatórias, tendo chegado à França na condição de "atual campeão". Em 2002, a situação da seleção antes da Copa foi levada a um outro extremo, dado o fraco desempenho do Brasil nas eliminatórias e na Copa América - em que foi derrotado por 2 x 0 pelo time de Honduras. Pode-se somar a este contexto quatro trocas de técnicos e mais de uma centena de jogadores convocados, além da situação inusitada de uma Copa no Extremo Oriente, que fizeram os jogos serem transmitidos no Brasil durante a madrugada. Esta situação complicadíssima se manifestou também nos anúncios publicitários. Por exemplo, o *slogan* do Guaraná Antarctica, um dos primeiros patrocinadores da seleção brasileira, era: "Bote fé na seleção!" A demanda no imperativo parece buscar um antídoto para a descrença generalizada. Descrença que se manifestou, por exemplo, na dificuldade da Rede Globo - que transmitiu a Copa com exclusividade - para vender suas cotas de patrocínio até poucos dias antes da competição. Ao final, com a insuspeitada vitória brasileira, Felipão tornou-se herói nacional, suscitando, na imprensa gaúcha, uma atualização discursiva do conflito centro-periferia que historicamente relaciona o Rio Grande do Sul ao Brasil. O futebol, aproveito para concluir, não é só bom para se jogar e assistir: ele também é ótimo para se pensar.

MEDICINA SOCIAL E SAÚDE COMO INSTRUMENTO DE DENÚNCIA

Os leitores já podem agendar-se para o último **IHU Idéias** do mês de novembro, que será no próximo dia 27, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. O tema Medicina social: a saúde como instrumento de denúncia, será apresentado pela Prof^a. Dr.^a Stela Nazareth Meneghel, do Centro de Ciências da Saúde da Unisinos.

ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS ENCERRA HOJE

A última edição deste semestre do evento *Encontros de Ética para Alunos*, promovido pelo IHU, terá como tema: *Ética e Alteridade no contexto da globalização* e acontece hoje, dia 17 de novembro, na sala 1G119, das 17h30min às 19h. O Prof. Dr. Jaime José Zitkoski, do Centro de Ciências Humanas, será responsável pela condução do debate. O evento será gratuito e aberto a toda a comunidade acadêmica.

OBRA DE ALBERTO MELUCCI É TEMA DE ABRINDO O LIVRO

A próxima sessão do evento **Abrindo o Livro** tem data marcada para o dia 19 de novembro, próxima quarta-feira. O professor Dr. Nilton Bueno Fischer, do PPG em Educação da UFRGS, estará na Sala de Seminários 2 da Biblioteca da Unisinos, das 19h45min às 22h, apresentando o livro **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**, de Alberto Melucci. A entrada é gratuita e aberta a todos os integrantes da comunidade acadêmica.

IHU On-Line conversou com o professor Nilton na última semana, para adiantar aos leitores o foco da palestra de quarta-feira. Nilton é graduado em Ciências Econômicas pela Unisinos, é mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com dissertação intitulada *Fatores Determinantes para Profissionais de Alto Nível Morar e Trabalhar*; obteve título de doutor em School of Education (SIDE) pela Stanford University, SU, Stanford, Estados Unidos, tendo sua tese o título *Working Class Culture: a Case Study of Authority in Brazil*; e cursou o pós-doutorado em Educação (UIUC) na Universidade de Illinois, Urbana-Champaign-USA. É um dos autores do livro **Educação e Classes Populares**. Porto Alegre: Mediação, 1996 e um dos organizadores de **Por uma nova esfera pública. A experiência do orçamento participativo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

“MELUCCI: UM AUTOR AUTÔNOMO, COMPETENTE, OUSADO, INOVADOR E PROFUNDAMENTE HUMANO, SENSÍVEL”

Entrevista com Nilton Fischer

IHU On-Line - Qual o Sr. considera ser o principal aporte de Alberto Melucci?

Nilton Fischer- Inúmeras são as contribuições de Alberto Melucci para a compreensão da sociedade contemporânea. O aporte principal pode ser entendido pela sua qualificada produção científica a partir de um intenso e denso trabalho de pesquisa. Ao longo de sua obra, além da sensibilidade a respeito dos temas que procura compreender, esse autor oportuniza que todos nós ‘compreendamos’ o seu processo de trabalho. Temos um intelectual que socializa seus referenciais teóricos, seus sonhos, sua inserção como um ser ‘datado’ e revela também as influências de ordem pessoal. Trata-se de um autor que dignifica a condição do trabalho intelectual: autônomo, competente, ousado, inovador e profundamente humano, sensível. Assim as suas reflexões sobre os (novos) movimentos sociais vão revelando essas habilidades que se consubstanciam em férteis discussões com autores que tratam do mesmo tema e, a partir desse diálogo, produz e cria inquietantes dúvidas para todos nós, das áreas das humanas e das sociais, tanto no campo teórico como metodológico. Compreender os (novos) movimentos sociais em uma perspectiva que combina as relações entre estrutura e a subjetividade dos indivíduos em seus múltiplos processos identitários. Envolve a toda essa abordagem um pensamento diferenciado e qualificado que não deixa de apostar em mudanças sociais que garantam a qualidade de vida para todos.

IHU On-Line- Qual é a maior novidade de *A invenção do presente*?

Nilton Fischer- Escrito em 1982, depois revisto pelo autor em 1991, e publicado no Brasil, em 2001, este livro mantém uma ‘atualidade’ instigante. A novidade está na harmônica combinação que o autor faz entre processos sociais histórico-estruturais e aqueles vividos pelos sujeitos em seus planetas internos, frente a uma sociedade que se planetariza, se complexifica e

informatiza. A dimensão cultural se evidencia no texto de Melucci, ao colocar no mesmo patamar de importância os clássicos movimentos sociais (operário, sindicais) e os movimentos das mulheres, juventude, pacifistas, ecológicos. Com essa nova abrangência sobre os movimentos sociais, o autor 'inova' radicalmente, ao propor a superação de análises desses fenômenos somente sob a ótica 'histórico-empírica' para uma perspectiva analítica que propõe a sua compreensão, a partir de um conjunto heterogêneo de elementos presentes nas ações coletivas (inclusive contradições, limites e orientações diversas). Em ***A Invenção do presente***, Melucci reforça sua insistente reflexão sobre a importância do 'ato de nomear a sua palavra', tanto na perspectiva do intelectual, que não se deve 'ajustar' às modas acadêmicas, como junto aos sujeitos que se autorizam também a nomear as suas escolhas, as suas buscas e inquietações quando em inserções sociais, desde o mundo do trabalho até o mundo da vida privada.

IHU On-Line- De que maneira ele aborda a categoria juventude?

Nilton Fischer- Juventude se torna categoria de compreensão do 'todo', e não a 'parte' que se detecta como sendo um mundo onde se localizam somente problemas, transgressões, dificuldades. Através de pesquisas e de trabalho em equipe, com outros pesquisadores e de outras formações teóricas, Melucci propõe uma compreensão que inclui um desafio, para que se analisem as inúmeras formas de linguagens que os jovens transmitem, com seus múltiplos canais comunicativos, e, em especial, por meio da superação dos 'códigos dados', pela sociedade e pelo mundo adulto, para suas manifestações. Isso exige, também, que os pesquisadores não queiram compreender os jovens de forma idealizada e de 'mão única', e sim como seres que estão sinalizando, por meio de suas buscas, os limites de um jeito de se viver, de se fazer ciência, de lidar com o 'outro', o diferente. Também a categoria tempo se recompõe na análise que esse autor realiza sobre juventude, ao propor que se compreenda reflexivamente o que se diz, via senso comum, a respeito dos jovens como sendo seres sem visão de futuro, sem projetos. O 'presente' para os jovens pode estar demonstrando os limites dos projetos tanto liberais como 'marxistas' que anunciavam 'um futuro melhor', um 'depois' e mesmo uma padronização aos tempos futuros (estudos, profissões, etc.). A presença do provisório, do imediato, da pluralidade, etc. faz com que as contribuições de Melucci oportunizem a compreensão mais 'plena' dessas manifestações, ao sugerir a perspectiva mais 'ambivalente' desses elementos, e não só sob uma visão linear de seqüência cronológica de tempos e de projetos de vida. Como categoria analítica, o 'poder' também se ressignifica por meio da juventude que expõe suas 'falas' reveladoras da existência dessa categoria em relações mais cotidianas, micro, e não somente em determinações 'inibidoras' (externas 'sobre' os sujeitos).

IHU On-Line- Em que aspectos ele mais ajuda a compreensão das mudanças sociais, culturais e econômicas contemporâneas?

Nilton Fischer- Na combinação entre individual e coletiva, entre tempos internos e externos, em não propor determinações, reducionismos e na inclusão, no campo analítico, de categorias como emoção, afeto e corporeidade. Também na forma como excede os modelos de superação de situações de injustiça e desigualdades construídas com base em pólos opostos, como capital & trabalho, sociedade civil versus Estado, etc. Ao mesmo tempo, inclui categorias de ordem 'transversal' que cruzam as clássicas categorias, como classe social, tomando como exemplo os movimentos das mulheres e de juventude.

IHU On-Line- Segundo o autor, qual seria o papel dos movimentos sociais e qual o perfil que eles estão adquirindo na contemporaneidade?

Nilton Fischer- Os movimentos sociais, tal como se expressam na forma institucional, carregam uma nomenclatura 'pesada' que produziu uma permanente vigilância de Melucci sobre as imputações a ela como 'fundador' da expressão 'novos movimentos sociais'. Na criação da expressão 'ação coletiva', Melucci aponta inúmeras formas e, entre elas, os movimentos sociais na medida em que cruza um conjunto de variáveis dentro de uma representação 'espacial', na forma de vetores que se cruzam, formando inúmeras combinações das categorias: solidariedade, superação de sistema e conflito/consenso.

IHU On-Line- Como deve ser, segundo Melucci, a relação entre a ação coletiva e uma análise das necessidades e da ação individual?

Nilton Fischer- Ação coletiva não implica a homogeneização da condição humana e pressupõe os aspectos instituintes dos sujeitos. A ação individual não pode ser vista como 'alimentadora' da ação coletiva, como se fosse uma espécie de concessão do externo, do estrutural sobre o interno, o individual, o cultural. No livro *O Jogo do Eu*, isso aparece de forma extraordinária, quando ele aproxima os tempos internos e externos como categoria de análise dessa interdependência, mas não subordinação. A importância da "co-respondência" entre o individual e o coletivo faz da obra de Melucci uma abordagem que deriva de sua sensibilidade, como 'psicoterapeuta' e sociólogo, mas também de sua disciplinada forma de trabalho que registrou a incompletude das formas homogeneizadoras dos fenômenos sociais as quais não conseguem 'analisar' a complexidade da sociedade contemporânea. Um exemplo disso é sua análise sobre os movimentos das mulheres, quando ele traz à tona não somente a 'afirmação' da condição de gênero como também algo para 'si' e faz a relação, quase diria a 'contaminação', desse movimento junto aos demais setores da sociedade, perpassando a estrutura de classes e ressignificando a categoria 'poder'.

IHU On-Line- Como aparece, dentro do pensamento de Melucci, sua proximidade com o catolicismo e com a cultura comunista italiana?

Nilton Fischer- As aproximações são de duas ordens. Melucci, primeiramente, sempre nomeia suas origens pessoais, filho de pai comunista e mãe católica e, nessa perspectiva, ele enfatiza que suas preocupações com as dimensões pessoais da vida social tiveram origem nessa condição de 'viver' dentro de dois 'discursos' totalizantes os quais eram insuficientes para explicar que sua família não ficava 'reduzida' a determinações de 'fora', estruturais. E uma segunda ordem se pode compreender como essa aproximação ajudou na superação de visões deterministas sobre a condição humana, quando ele afirma que as insuficientes explicações do 'homem racional', tão presentes no homem ocidental, omitiram o lado emocional, corporal e afetivo.

IHU On-Line- Algum outro aspecto importante que o Sr. achar necessário destacar.

Nilton Fischer- Melucci, sensível, poeta. Ao final de sua vida, fez poemas afetivos, de memórias, sobre o sentido da vida, da morte, da dor. Escreveu poemas no dialeto de Roma e publicou em forma bilíngüe. Homenageou sua rede de afetos, família, amigos, locais e os ventos. Melucci foi um Autor, com "A" maiúsculo, que 'conseguiu' trabalhar na instância coletiva de produção de conhecimento. Sempre que pôde, ele fez a partilha da produção e da socialização dessa produção. Muitos livros demonstram isso. Por exemplo, *Verso uma sociologia Reflexiva* é algo de extraordinário como esse autor consegue 'ofertar' ao leitor as

inúmeras formas de se fazer pesquisa, de se escrever pesquisa e de 'revelar' suas fontes (há um CD Rom, anexo ao livro, que é um presente para nós, pesquisadores). Melucci nomeou o mundo que viveu, nomeando-se.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Mudanças físicas no IHU

No último dia 10 de novembro, a coordenadora adjunta do IHU, Vera Regina Schmitz recebeu, em reunião, o supervisor do setor de Layout da Dálkia Infra 4, Jaury Santos Sá. Jaury analisou as dependências internas do Instituto Humanitas Unisinos, a pedido da coordenação, que pretende realizar modificações físicas nos espaços de trabalho.

Capela Universitária

No dia 11 de novembro, a coordenação do IHU reuniu-se com Cláudia Acosta e Ana Maria Formoso, responsáveis pelo serviço de liturgia na Universidade pelo IHU, para tratar de assuntos referentes à Capela Universitária.

Revolução de 1964 – 40 anos

Está em processo de organização a realização de um evento no ano que vem sobre os 40 anos da Revolução de 1964, promovido pelos PPGs em Filosofia, Ciências Sociais Aplicadas e Direito da Unisinos, com o apoio do IHU. A coordenação do Instituto Humanitas reuniu-se na tarde do dia 12 de novembro, com os professores da Unisinos Rodrigo Stumpf González, do Centro de Ciências Jurídicas, e Ivete Keil, do Centro de Ciências Humanas.

Programa de Tecnologias Sociais

Na última sexta-feira, dia 14 de novembro de 2003, a coordenação do IHU, Telmo Adams, integrante da área de concentração II - Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade, e Dáris Corbellini, coordenador da área de concentração II, estiveram em reunião com o professor Vicente de Paulo Oliveira Sant'Anna, Pró-Reitor Comunitário e de Extensão, para apresentar e discutir o Programa de Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários.

CEPAT

Nos dias 13 e 14 de novembro, Inácio Neutzling, assessorou o planejamento de 2004 do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, em Curitiba.

IHU REPÓRTER

Pe. Josef Hauser

*A idade não o derrubou. Aos 83 anos de vida e quase 50 de sacerdócio, o padre e professor húngaro Josef Hauser, do Instituto de Pesquisa de Planárias, Centro de Ciências da Saúde, trabalha e pesquisa com a vivacidade de uma criança, descobrindo os mistérios da vida. Na breve conversa que teve com **IHU On-Line**,*

ele conta suas experiências como aluno, professor, oficial da II Guerra Mundial, piloto de avião e sacerdote jesuíta. Uma história de vida que renderia um livro. Porém, a obra que ele atualmente escreve, e pretende publicar em breve, é sobre o que sempre pesquisou: as planárias.



Origens - Nasci no sul da Hungria, em 1919. Naquele tempo, eu era um guri como qualquer outro. Não tivemos, na família, muitos problemas financeiros. Quando estudei no colégio dos jesuítas, eu não era nenhum anjinho, mas também não dei problemas. Nesses anos que já vi passar, percebi que as mudanças da sociedade foram e são muito grandes. Mas isso a gente tem que engolir. É assim, simplesmente tomar conhecimento e seguir adiante.

Formação - Quando menino, estudei no colégio dos jesuítas durante uns oito anos e depois entrei no noviciado da Companhia de Jesus, em Budapeste, de 1939 a 1941. No noviciado, fiz a assim chamada “provação do hospital”. Nessa experiência, eu tive muito contato com os médicos e tivemos um problema: não nos entendíamos por causa do idioma. Falei com o mestre dos noviços e disse-lhe que depois do noviciado eu gostaria de cursar medicina. O mestre dos noviços gostou da idéia e decidiu apoiar. Escreveu para Roma e de lá veio a resposta negativa. Então o mestre me pediu que me inscrevesse em Biologia e aprendesse tudo o que os médicos aprendem. Comecei a estudar na Universidade de Budapeste e continuei os estudos em Innsbruck, na Áustria. Foi aí que comecei a me especializar em planárias. Mais tarde, fiz o doutorado em Filosofia Escolástica no Instituto de Filosofia de Innsbruck e depois fiz o doutorado em Zoologia, na Universidade Estadual de Innsbruck.

II Guerra Mundial – Em 1943, entrei na II Guerra Mundial. Como seminaristas nós ficamos no exército húngaro, denominados automaticamente de oficiais aspirantes. Fiquei como segundo tenente e depois fui promovido a primeiro tenente, fui comandante de uma meia companhia e servi no hospital. Usávamos gola preta. Nossa tarefa era proteger os trens que transportavam os feridos da Rússia para a Hungria e para a Alemanha. Eu nunca tive contato com o exército russo. Até o término da guerra, fiquei na Hungria. No último dia, eu estava no colégio onde eu estudei, continuei como jesuíta, mas tirei a farda. Anos depois, o Padre Geral deu a ordem para o provincial que os jovens que não haviam tido possibilidade de estudar Filosofia e Teologia na Hungria, fugissem. Eu e um grupo fomos para Innsbruck, na Áustria. Para aprender alemão, fizemos o curso de “magistério”, no colégio Stela Matutina. Depois fui para a universidade terminar os estudos.

Vinda para o Brasil – Foi na época do doutorado em zoologia que conheci um padre jesuíta brasileiro chamado Oscar Nedel. Ele veio para estudar Ciências Naturais na Alemanha. Foi

escolhido para ser professor de uma futura universidade. Então ele me contou como era o Brasil, me pintou as belezas daqui e eu comecei a gostar da idéia de vir para cá. Meu provincial húngaro negou, disse que eu não podia vir. Entretanto, o Pe. Friedrich, que era provincial aqui no Brasil, escreveu para o provincial húngaro, pedindo professores formados para uma futura universidade. O provincial húngaro me disse: “Pode ir, mas não peça para voltar”. Fui aventureiro, não sabia como era aqui. Eu pensava que o Brasil era como a América do Norte, mas quando cheguei vi que era um pouco diferente.

Sacerdócio – Em 21 de junho de 1955, fui ordenado, já aqui no Brasil. Em 2005, vou fazer 50 anos de sacerdócio. O dia mais importante da minha vida foi o da minha ordenação sacerdotal. Como eu não queria ser apenas professor, em 1958, me apresentei e me tornei capelão da Força Aérea Brasileira, para fazer o trabalho sacerdotal também. Recebi formação de piloto e voei muito como piloto de avião à hélice, não a jato. Quando completei 61 anos, a aposentadoria obrigatória me fez sair da Força Aérea. Passei, então, a ajudar em diversas paróquias, cada domingo rezando missas onde não havia sacerdotes. Foi assim até 1999, quando, em um acidente no pátio de minha casa, colhendo flores, perdi o equilíbrio, caí e fraturei o crânio. Ainda tenho seqüelas, dificuldades de andar e trabalho somente aqui no meu gabinete.

Fundação da Unisinos- Em 1958, iniciou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, lá na Antiga Sede. Pe. Thiesen, que na época era o diretor, me nomeou um dos responsáveis. No primeiro ano, 12 alunos fizeram vestibular, e só 2 passaram. Tivemos 14 professores para dar aula para uma moça e um rapaz. Essa experiência foi muito boa. Assim começou a história da Unisinos que vemos hoje; com muitas dificuldades e problemas, mas deu certo. Fundei o Instituto de Pesquisa de Planárias, onde trabalho até hoje. Construíram esse Câmpus e fui ficando, sempre mais e mais velho. Vou fazer 84 anos em janeiro. Dos fundadores da Unisinos três ainda estão vivos, e eu sou um deles, com o Pe. Luiz Marobin e o Pe. Egídio Schmitz.

Ser professor – Muitas vezes, viajei ao estrangeiro, convidado para dar aulas em outras universidades. Lecionei em Viena, Frankfurt, República Dominicana, durante sete anos de aulas em Innsbruck; ficava um semestre aqui e outro lá. Primeiro como livre docente, depois professor titular.

Pesquisa - Desde que vim para cá, continuei a pesquisa com planárias que fazia em Innsbruck. Meus professores na Hungria e em Innsbruck trabalhavam com planárias e eles me levaram para esse ramo. Comecei e continuei trabalhando com isso. Há uns 10 anos, iniciei um tema especial, sobre a regeneração. Constatei que as células de regeneração têm um processo muito semelhante, não quero afirmar que seja idêntico, porque ainda não consegui provar cientificamente, com o surgimento do tumor canceroso. Esta é minha pesquisa atual. Comparo os processos de regeneração da célula com o surgimento do tumor canceroso. Eu gostaria de entregar esse trabalho para alguém continuar, porque eu, aos poucos, estou “empacotando”.

Autor – Ulrich Ehlers

Filme – Marcelino, Pão e Vinho, de Luigi Comencini.

Presente – O último presente que eu ganhei foi uma caneta de quatro cores, que gostei muito.

Horas livres – Quase não tenho, estou sempre ocupado. Mas quando me sobra um tempo eu gosto de trabalhar com o microscópio.

Sonho – Quero terminar de escrever o livro *As turbelárias (planárias) que vivem no Brasil*, e escrever ainda sobre cerca de dez temas.

Unisinos – A Universidade agora começa uma nova fase. Inicialmente fiquei afastado da idéia, mas não julguei porque simplesmente não sabia do que se tratava. Aos poucos, estou me inteirando do processo e começo a gostar. Acho que vai terminar bem. A Unisinos é ainda o lugar onde estou escondido. Rejeitei o convite de várias universidades, dentre as quais de Viena, Salzburg, Santo Domingo, Innsbruck e Saarbrücken para ficar aqui. Era um trabalho que a gente tinha que fazer para o bem.

Meu Clássico

Jairo Ferreira responde.

O prof. Jairo Getúlio Ferreira, do PPG em Comunicação da Unisinos, é graduado em Jornalismo e Ciências Econômicas, mestre em Sociologia e doutor em Informática da Educação, sendo todos os cursos realizados na UFRGS. A seguir, o professor comenta quem são seus autores de cabeceira.

Qual é o autor (es) que mais influenciou a sua formação intelectual?

Minha formação começou com a paixão pelo livro, descoberta na adolescência, e pela ciência em geral. Aí cabia de tudo: da matemática à literatura, passando pela filosofia. Primeiro, fui apaixonado pela física, matemática e química. Depois, pela literatura, filosofia e política. Autores? Na literatura, Hermann Hesse e os contos de Gorki. Na filosofia, Campanella, Morus, Platão, Sócrates, Sartre. Na política, Marx, Lênin, Engels. Na psicologia, Reich. Ironia. Minha emancipação política me levou à trajetória marxista posterior e bloqueou parte dessa diversidade. Atravessei uma fase antes de retomar, já na perspectiva acadêmica, o lugar do diverso como espaço de produção de conhecimento.

Qual o autor (es) que mais responde às suas inquietações atuais?

Na minha tese, trabalhei com Bourdieu, Piaget, Prigogine, Charaudeau, entre outros. Mas, desde o fim da tese de doutorado, minha relação com os autores tem sido em torno da pesquisa experimental. Trata-se, assim, da busca de todos os que possam iluminar a construção de determinados objetos de conhecimento que abordo. Começo, em decorrência de uma postura epistemológica, com os brasileiros. Busco sempre ampliar com autores europeus. Finalmente, vou, quando necessário, aos americanos. Meus objetos: o discurso midiático, as rotinas de produção, os campos sociais e as ONGs. Aí entra um elenco. Há, é claro, mais famosos e desconhecidos entre os que devo ler para ontem e nem sempre consigo. Em termos dos conhecidos, é claro que, se estudo os campos sociais, tenho que ler Bourdieu, Adriano Rodrigues e Esteves, na comunicação; se estudo discurso midiático, consulto os autores que fazem apropriações próximas das que pretendo fazer dos objetos de pesquisa (Fausto, Berger, Guareschi, entre outros), e assim por diante. Eu tenho um armário onde estão somente esses autores. Agora, vou fazer um pacote de compras sobre as ONGs.

Qual o autor (es) contemporâneo que lê com mais atenção?

Atualmente continuo a fazer leituras atentas de Bourdieu. É quase um projeto decifrar o movimento de sua obra, aos poucos, acompanhando o processo de pesquisa. Percebo, nessas leituras, uma fecundidade para os estudos de comunicação, desde que feitas as traduções dos problemas identificados no campo. Isso porque sua obra reúne capacidade reflexiva e um método experimental forte.

Sala de Leitura

Confira o que estão lendo os professores e professoras da Unisinos.



“Acabei de ler o livro: **A Última Grande Lição: O Sentido da Vida** cujo autor é Mitch Albom, traduzido por José J. Veiga. 5. ed. Rio de Janeiro: GMT, 1998, 191 páginas. Mitch Albom conta, em detalhes carregados de emoção, como redescobre o seu velho professor Morrie Schwartz, vinte anos depois de deixar a Universidade. O professor Morrie é tratado por Mitch carinhosamente de treinador. Mitch sabia que seu professor sofria de uma doença terminal conhecida como "Esclerose Lateral Amiotrófica - ELA". Tinha por ele um carinho e uma admiração muito grandes, por isso visitou-o durante 14 terças-feiras, até a sua morte. Nesses encontros, trataram de temas fundamentais para a realização humana, o que foi considerado pelo autor como a última grande lição, ou seja, um ensinamento sobre o verdadeiro sentido da vida. As reflexões são narradas de forma simples e comovente e mostram claramente a grande transformação que ocorreu na sua vida. A experiência foi registrada como uma dádiva de Morrie para o mundo”.

Célio Pedro Wolfarth, graduado em Ciências Contábeis, especialista em Administração Financeira, mestrando em Controladoria, e auditor interno da Reitoria da Unisinos.



“Estou lendo o livro **Trust: a sociological theory**, de Piotr Sztompka. Cambridge University Press, 1999, 214 páginas. O livro trata do conceito de confiança, em uma abordagem sociológica, sendo um tópico por demais importante na atualidade, já que os cidadãos sempre confiam menos nas representações sociais, políticas, jurídicas, até religiosas. A sociedade precisa sempre novamente encontrar e construir mecanismos de confiança para o cidadão poder atuar com lucidez e segurança em suas atividades do dia-a-dia. Sem confiança na família, na escola, na universidade, nas instituições oficiais e entidades representativas, o cidadão tem sérias dificuldades de agir e desenvolver sua cidadania”.

Prof. Dr. Egon Fröhlich, graduado em Filosofia, mestre em Sociologia Rural, doutor em Mass Communications, e coordenador e professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.

“Estou lendo **Depois do Capitalismo** de Seymour Melman, editado em português pela Futura em 2002, com 693 páginas. Melman é professor emérito de engenharia industrial da escola de Engenharia e Ciência Aplicada da Universidade de Colúmbia. Trata-se de um belo texto, ao mesmo tempo histórico e provocador, sobre as práticas nas relações de trabalho no último século. Visitando criticamente as experiências de chão de fábrica, a provocação da obra reside nas propostas que o autor esboça para a atualidade. Segundo ele, para além das ideologias, a esperança de democracia está associada às interações e às comunidades de

prática que se constituem no ambiente de trabalho. A necessidade de maior criatividade no trabalho convoca a uma maior autonomia e, com efeito, a um processo irreversível de desalienação do sujeito trabalhador de estruturas cerceadoras ou controladoras de ações e decisões. Embora extenso, o texto é fluido e agradável ao leitor”.

Prof.^a Dr.^a Yeda Swirski de Souza, graduada em Psicologia, mestre em Administração, Doutora em Psicologia, e professora do PPG em Administração da Unisinos.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Prof.^a MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montaño (soniam@icaro.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Prof.^a Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2^{as} feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS